

TÍTULO IX

ORTA de Castelo de Vide rumo à diáspora

§ 1.º

ORTA | SOARES | PINTO

I – FERNÃO DE ORTA [ISAAC]. Nascido cerca de 1441 em Valência de Alcântara (Reino de Castela), povoação que dista cerca de 20 km de Castelo de Vide, onde viveu como judeu, mercador, com o nome hebraico de «Isaac». Na sequência da expulsão dos judeus, decretada pelos reis católicos em 1492, Isaac resolvera refugiar-se em Castelo de Vide¹.

¹ Documenta-se como residente em Castelo de Vide, no ano de 1533, um João de Orta, que vivia como cardador ou tecelão, tendo transacionado de Portugal para Castela através da fronteira de Marvão, em 31 de Março do referido ano, 5.500 varas de pano de linho e 3 peças de pano da Judeia, como se demonstra pelo seguinte excerto do Livro do Rendimento da Alfândega de Marvão: «... a XXbij do dito mês meteo pelo dito porto Diogo Lopez e Joam d'Orta e Francisco de Torres de Castelo de Vyde cinco caregas de lam de que pagaram trezentos reais por carega»[cf. AN/TT, *Núcleo Antigo*, n.º 542, cit. por João Cosme e Maria Manso, in *A Cidade*, Portalegre, n.º 3 (Nova Série), Janeiro-Junho, 1989, p. 78 e 92]. O referido João de Orta, que transacionava lã pela fronteira de Marvão, seria, seguramente, o mesmo que foi casado com Maria Dias, pais de Isabel de Orta, casada com o bacharel Garcia Lopes, de Nisa. Além do referido João de Orta, só encontramos outro do mesmo nome - o mesmo que foi pai de um Francisco de Orta, natural de Lisboa, que frequentou, entre 1593 e 1594, a Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra [cf. Arquivo da Universidade de Coimbra, *Matrículas*, Código de referência: PT/AUC/ELU/UC-AUC/B/001-001/H/000779]. Com efeito, a *décalage* cronológica que se verifica não permite considerar a hipótese de o João de Orta, pai do ilustre académico, e como tal nascido presumivelmente no período 1540/1550, se tratar do mesmo João de Orta que foi casado com Maria Dias, o qual considerámos ter nascido no período 1485/1495, com base na informação que a seguir se expõe: Francisco Lopes, de alcunha «o Gago» porque gaguejava, natural de Nisa mas que foi residente em Portalegre, preso pela Inquisição de Évora em 1579, com cerca de 42 anos de idade, ou seja, nascido cerca de 1537, filho do bacharel Garcia Lopes, físico, natural da vila de Nisa e falecido em Lisboa, e de sua mulher Isabel de Orta, nascida cerca de 1515. Foi casado com Francisca de Solis, cristã-nova, natural de Portalegre. Francisco Lopes, quando interrogado pela Inquisição, declarou ser neto paterno do Mestre António e de Helena Vaz, naturais de Nisa, e neto materno de JOÃO DE ORTA e de MARIA DIAS, naturais de Castelo de Vide. Na verdade, este João de Orta, nascido em Castelo de Vide (a fazer fé nas declarações de seu neto Francisco Lopes), só pode ter nascido antes de 1495, representando assim, na presente data, um *outsider* na configuração genealógica que traçámos relativamente à família «Orta», dita de Castelo de Vide, pois não encontramos sobre o mesmo indivíduo quaisquer referências ou informações adicionais, nem tampouco nas diversas obras publicadas sobre a família do ilustre Garcia de Orta, que permitissem enquadrá-lo na fotografia de família dos «Orta». O referido Francisco Lopes acrescentara, ainda, ter duas irmãs inteiras, a saber: INÊS DE ORTA, a mais velha, de 48 anos de idade, que foi residente em Portalegre, viúva de Luís Dias, cristão-novo, mercador, natural de Alter do Chão, onde morreu; GRÁCIA GOMES, de 43 anos de idade, pouco mais ou menos, que foi residente em Portalegre, viúva de Bartolomeu Henriques, cristão-novo, tosador, natural de Nisa mas residente em Alter do Chão, onde morreu. Documenta-se como filho do referido casal, Bartolomeu Henriques e Grácia Gomes, um filho chamado Gaspar Lopes de Orta, natural de Alter do Chão mas residente em Portalegre, casado com Guiomar Vaz, que fora preso em 1630 pela Inquisição de Évora, por culpas de judaísmo, heresia e apostasia [AN/TT, *Tribunal do Santo Officio*, Inquisição de Évora, processo 3268]. Francisco Lopes declarou ainda na sua confissão que seu pai fora casado, pela 2ª vez, com Catarina Lopes, cristã-nova, natural de Portalegre, da qual houve um só filho, António Lopes, de 35 ou 36 anos de idade, residente em Lisboa na Rua Nova dos Escudeiros e depois se passou para junto de São João da Talha, casado com Filipa de (Orta ?!), cristã-nova. Disse não ter tios da parte de sua mãe e ter apenas uma tia da parte de seu pai, chamada Isabel Gomes, com cerca de 60 anos

Viveu nessa vila na companhia de sua mulher, LEONOR GOMES², natural de Albuquerque (Castela), *cuja descendência segue no § 2.º*. Falavam *língua castelhana muito cerrada*, conforme dera conta sua filha Catarina de Orta, acrescentando que *seu pai faleceu sendo já de oitenta anos e morreu no ano em que faleceu o rei D. Manuel, ficando ela confidente moça pequena, de dez anos, pouco mais ou menos*³. Ficamos, deste modo, a saber que Fernão de Orta terá falecido em 1521, com cerca de 80 anos. Antes de casar com Leonor Gomes tivera o seguinte filho, de BRITES NUNES, também castelhana:

- 1 (II) JORGE DE ORTA⁴. Nascido cerca de 1490, siseiro, casou com LUCRÉCIA NUNES, na hipotética data de 1520. Parece-nos o mesmo que tratava em panos e roupa da Índia e que casou, cerca de 1540, com CLARA HENRIQUES, nascida cerca de 1520, natural de Castelo Branco, presa pela Inquisição de Lisboa⁵, em 1553, aos 33 anos de idade, irmã de Jorge Vaz e de um João, ambos filhos de uma Inês Vaz que também foi presa⁶. Mais adiante se reporta a descendência do casal Jorge de Orta e

de idade, que vivia casada em Lisboa com Gaspar Vaz, cristão-novo, marchante, ao Chafariz dos Cavalos. Os referidos, Francisco Lopes e Francisca de Solis, foram pais de: GUIOMAR, de 9 ou 10 anos na data das declarações de seu pai; ISABEL, de 4 para 5 anos; BEATRIZ, de ano e meio a dois anos. Questionado relativamente a parentes que tivessem sido presos ou condenados pelo Santo Ofício, declarou que o foram uns seus primos, filhos de um primo co-irmão de seu pai que se chamava Garcia Lopes, que fora relaxado pela Inquisição de Évora, e duas suas irmãs que saíram com hábito penitencial pela mesma Inquisição, e ainda outras suas parentes de cujo nome não se recordara [AN/TT, *Tribunal do Santo Ofício*, Inquisição de Évora, processo 9701]. Documenta-se ainda uma Isabel de Orta, que viveu em Castelo de Vide casada com um Francisco Álvares, pais de: CATARINA, baptizada em Sta. Maria da Devesa em Fevereiro de 1564, assistindo como padrinho Domingos Lopes e como madrinhas Maria Fernandes, Catarina Dias e Catarina Mourato; MANUEL, baptizado em 19.04.1573 na freguesia de S. João Baptista, assistindo como padrinho Diogo Vaz e como madrinha Inês Rodrigues; TOMÉ, crismado na freguesia de Sta. Maria da Devesa em 1567. Com efeito, não foi possível relacionar a referida Isabel de Orta com os demais «Ortas» tratados no presente estudo, embora se considere como muito provável a sua pertença ao mesmo tronco familiar. Face ao exposto, será legítimo admitir que o referido João de Orta se tratasse de um irmão ou eventualmente meio-irmão de Garcia de Orta?

² Chamar-se-ia Leonor Gomes e não Violante Gomes, como se encontra mencionada em algumas obras, designadamente em “*O Fascínio do Oriente na vida e na obra de Garcia d’Orta*”, da autoria de Pedro Luzes. Na mesma obra também se menciona, certamente por lapso, a data do édito dos reis espanhóis para expulsão dos judeus como 1482, quando na realidade esse facto ocorreu em 1492, ou seja, uma década depois. Violante Gomes seria, provavelmente, uma tia de Garcia de Orta, presume-se que irmã de sua mãe, casada com o físico Bernardes, residente em Lisboa, às Pedras Negras. [Cf. COELHO, P. M. Laranjo. *Três médicos cientistas naturais de Castelo de Vide: Garcia d’Orta, Francisco Morato Roma, José António Serrano, O Instituto: jornal científico e litterario* - Volume CXVI, 1954, p. 378-463]. Catarina de Orta, irmã de Garcia de Orta, refere-se em 1569 a Violante Gomes, já falecida, como sua tia e que fora casada com o Doutor Bernardes, físico, de quem houve uma filha chamada Francisca Bernardes [cf. AN/TT, *Tribunal do Santo Ofício*, Inquisição de Lisboa, processo 1283, fl. 62, imagem digital 123].

³ Foi a referida informação que permitiu, assim, situar no tempo o óbito de Fernão de Orta [cf. AN/TT, *Tribunal do Santo Ofício*, Inquisição de Lisboa, processo 1283, fl. 3 v.º].

⁴ Constata-se a existência de Jorge de Orta, que foi casado com Clara Henriques, de Castelo Branco, e Jorge de Orta, casado com Lucrecia Nunes. Seria o mesmo indivíduo? Parece-nos, na verdade, bastante plausível que se tratasse de uma só pessoa, pela dimensão cronológica, pelo seu envolvimento do comércio de produtos da Índia, pela recorrência no uso de nomes próprios no seio familiar. Em todo o caso, na ausência de outros elementos de prova, sugerimos que a hipótese teorizada se admita com as devidas reservas. No que se refere ao nome da mulher de Jorge de Orta a nossa leitura é Clara Henriques e não Catarina Henriques como, certamente por lapso, foi mencionada [cf. TAVARES, Maria J. P. F. *Entre a história e a lenda: a memória judaica em Portugal ou o desconhecido Portugal judaico, In Judiarias, Judeus e Judaísmo*, Coord. Carlos Guardado da Silva, Edições Colibri, Torres Vedras, 2013, p. 254].

⁵ AN/TT, *Tribunal do Santo Ofício*, Inquisição de Lisboa, processo 7438.

⁶ AN/TT, *Tribunal do Santo Ofício*, Inquisição de Lisboa, processo 103.



Clara Henriques. De Jorge de Orta e Lucrecia Nunes documentam-se os seguintes filhos:

- 1 (III) BEATRIZ DE ORTA⁷ (*filha de Jorge de Orta e de Lucrecia Nunes*). Viveu em Elvas, casada com GABRIEL LUÍS, cirurgião, natural da mesma cidade, preso pela Inquisição de Évora em 08.06.1560, por culpas de judaísmo e heresia⁸, filho do Mestre Luís e de sua mulher Branca Rodrigues.
- 2 (III) FRANCISCO DE ORTA (*filho de Jorge de Orta e de Lucrecia Nunes*). Natural de Elvas. Formou-se bacharel em Direito e viveu em Elvas casado com MARIA DIAS⁹. Foi preso pela Inquisição de Évora em 25.04.1561, acusado de blasfémia¹⁰. O réu apresentou artigos de defesa e de contraditas, além de uma réplica ao promotor fiscal Jerónimo de Sousa e de uma apelação para o cardeal inquisidor-mor. Foi seu procurador o licenciado Antão Boitaca. Em 06.08.1563 foi atormentado para que acabasse de confessar as suas culpas. Saiu do cárcere e foi mandado para Elvas em 02.11.1563.
- 3 (III) HENRIQUE DE ORTA¹¹ (*suposto filho de Jorge de Orta e de Lucrecia Nunes*). Natural de Elvas, nascido na data estimada de 1525, casado

⁷ Cf. COELHO, P. M. Laranjo. *Três médicos cientistas naturais de Castelo de Vide: Garcia d'Orta, Francisco Morato Roma, José António Serrano, O Instituto: jornal científico e litterario* - Volume CXVI, 1954, p. 388.

⁸ AN/TT, *Tribunal do Santo Ofício*, Inquisição de Évora, processo 3326.

⁹ Documenta-se um Fernão de Orta, natural de Elvas, como discente da Universidade de Coimbra, matriculado em Leis entre 1581 e 1584, filho de Francisco de Orta. Coloca-se, desta forma, a possibilidade de se tratar de um filho do mesmo Francisco de Orta que foi casado com Maria Dias, contemplado no presente Título [cf. Arquivo da Universidade de Coimbra, *Matriculas*, Código de referência: PT/AUC/ELU/UC-AUC/B/001-001/H/000774]. Tratar-se-ia, provavelmente, do mesmo Fernão de Orta, bacharel em Cânones, embora referido como natural de Lisboa, que frequentou a Universidade de Coimbra, com matrículas em Leis entre 1585 e 1589 e formatura em 01.12.1589, sendo filho de Henrique de Orta [cf. Arquivo da Universidade de Coimbra, *Matriculas*, Código de referência: PT/AUC/ELU/UC-AUC/B/001-001/H/000775].

¹⁰ AN/TT, *Tribunal do Santo Ofício*, Inquisição de Évora, processo 5217 (mau estado) e processo 11705. No primeiro dos processos mencionados refere-se que Francisco de Orta, também médico, “*tinha um tio, meio-irmão de seu pai, que andava na Índia e se chama o Doutor Garcia Orta*” [cf. <http://arlindo-correia.com/100207.html>], acedido em 11.08.2016]. No rol de pessoas que acusaram um Francisco de Orta consta uma Inês Lopes, natural de Portalegre, filha de Luís Lopes e de Leonor Gomes, que sendo presa pela Inquisição de Évora em 1569, testemunhou contra o réu em 02.06.1573 (Cf. processo 11422 - Inquisição de Évora). A mesma Inês Lopes, residente em Portalegre, documenta-se como prima co-irmã do Doutor Garcia Lopes e sobrinha de Catarina Lopes, mulher do referido Francisco de Orta. O referido Luís Lopes seria, provavelmente, o meio-irmão do Doutor Garcia Lopes e ainda o mesmo que foi preso pela Inquisição de Évora em 26.01.1570, com 70 anos de idade e já viúvo de Leonor Gomes, tendo falecido nos cárceres em 17.11.1571 [Proc. 8226 - Inquisição de Évora].

¹¹ Note-se que Henrique de Orta teve uma filha chamada, precisamente, Lucrecia Nunes, facto que vem substanciar a hipótese de ter sido filho daqueles que aqui leva por pais, além da circunstância de ter sido natural de Elvas. Documenta-se como natural de Évora e ali residente uma Isabel de Orta, cuja filiação nos é desconhecida mas que se pressupõe do mesmo tronco familiar dos Ortas aqui tratados, nascida cerca de 1550, casada com Diogo Rodrigues, pais de Maria de Orta, que casou na Sé de Évora em 22.09.1602 com Pedro Fernandes, filho de Nuno Vaz e de Margarida Gomes, estando presentes como testemunhas o Lic. Diogo Marques, Antónia de Azevedo e Diogo Gonçalves, moço do Tesouro. Deste casal, Pedro Fernandes e Maria de Orta, foi filha uma Isabel de Orta que casou em 08.08.1627 na referida freguesia de Évora com Domingos Rodrigues, natural de Borba, filho de Manuel Rodrigues e de Catarina Rodrigues, assistindo na condição de testemunhas Manuel Piteira e Marcos Fernandes.



com BEATRIZ ÁLVARES, natural de Évora¹², cidade onde terão residido na Rua dos Mercadores. Tiveram:

- 1 (IV) DIOGO DE ORTA. Cristão-novo, nascido em Évora cerca de 1550, casou na freguesia de Santo Antão, da mesma cidade, em 24.04.1569, com BRANCA RODRIGUES, filha de Bento Rodrigues e de Beatriz Fernandes. Foram testemunhas Henrique (...?!), Francisco de Carvalhais, Maria Mouzinho, Margarida Vaz, António Pires (...?!), Marcos Dias, tecelão, e outra gente que assistiu à cerimónia.
- 2 (IV) LEONOR DE ORTA. Natural de Évora, casou com RODRIGO GARCIA, cristão-novo, filho de Bartolomeu Garcia e de Isabel Soares¹³, moradores que foram na referida cidade de Évora. Rodrigo foi preso pela Inquisição de Évora, em 12.06.1574, com cerca de 44 anos de idade, por culpas de judaísmo, heresia, apostasia, suborno e extorsão de dinheiro. Foi chamado à Mesa do Santo Ofício, afiançado em 15.05.1574 e ouvido a 14 de Junho do mesmo ano. Contra ele foram extraídas culpas dos testemunhos do guardião e sacristão do Mosteiro de São Francisco, de Évora, de um padre da Companhia de Jesus e dos processos de seu filho e nora. Houve libelo e contestação. Em 19.11.1576 foi-lhe comutado o tempo que lhe faltava cumprir nas galés pelo pagamento de 50 cruzados¹⁴. Rodrigo faleceu em Lisboa. Tiveram:

- 1 (V) ISABEL SOARES. Nascida cerca de 1556 na cidade de Évora, baptizada na igreja de Santo Antão e crismada na igreja da Sé, da mesma cidade, pelo Cardeal D. Henrique, tendo sido seu padrinho de baptismo Filipe Soares e madrinha Brites Nunes.

¹² Aqueles que reportamos no presente Título não foram, todavia, os primeiros Ortas a residir em Évora. Em 1488 José Geste, sapateiro, natural de Castela mas residente em Évora, queixou-se de ali ter sido agredido por Haim Orta, «o moço», também sapateiro, o qual lhe emprestara um calçador que o outro se recusava a devolver. [cf. TAVARES, Maria José Ferro. *Mobilidade e alteridade: quadros do quotidiano dos cristãos-novos sefarditas, In the Iberian Peninsula and Beyond: A History of Jews and Muslims...*, op. cit. p. 315].

¹³ Do mesmo casal, Bartolomeu Garcia e Isabel Soares, foram filhos: a) Miguel Garcia, que casou na freguesia de Santo Antão, em Évora, em 03.06.1566 com Branca Lopes, filha de Diogo Fernandes Butrago e de Joana Lopes, e residiram em Lisboa na Rua de Mata Porcos; b) Francisco Garcia, que foi mercador, casado com Leonor Gomes, cristã-nova, e foram moradores em Lisboa, às Pedras Negras; c) Filipe Soares, mercador, que foi casado com Inês Pinto, cristã-nova, e residiram na Rua de Mata Porcos; d) Diogo Soares, que foi padre professo da Companhia de Jesus e encontrava-se, em 1598, em Granada; e) Frei Domingos de S. Tomás, que foi frade professo da Ordem de S. Domingos e residente no Peru. Miguel Garcia foi relaxado e Francisco Garcia saiu penitenciado.

¹⁴ AN/TT, *Tribunal do Santo Ofício*, Inquisição de Évora, processo 11429.

Diogo Álvares assistiu como seu padrinho de crisma. Isabel foi presa pela Inquisição de Évora, por culpas de judaísmo¹⁵. Em 12.05.1599 apareceu, sem ser chamado, perante os inquisidores, António Gonçalves, guarda do cárcere onde pousava Isabel Soares, tendo declarado que no dia anterior, entre as 2 e as 3 horas da manhã, andando ele declarante vigiando os cárceres no corredor de cima ouviu falar na 5.^a casa do dito corredor, na qual estavam presas Beatriz Gomes, mulher de Duarte Lopes, e Isabel Soares, e chegando ele testemunha à porta e pondo-se a escutar ouvira a dita Isabel Soares dizer para Beatriz Gomes as palavras seguintes: *«pela manhã, quando nos derem os bons dias, hei-de pedir que me levem à mesa porque posto que eu lá disse que não queria estar com letrado para contraditas, lembra-me agora que duas testemunhas me querem mal, e hei-de pedir letrado para vir com contraditas e para pedir que em terra foi isto da testemunha que diz de dez anos, eu (...) juntado com minha mãe e com minha irmã e com meu marido e com minhas filhas e com meus enteados e eu não tinha outros pagens que me acompanhavam senão meus enteados, ora um, ora outro, e não posso agora determinar-me quais serão estas pessoas senão estas duas que me querem mal»*. Então a dita companheira Beatriz Gomes lhe disse as palavras seguintes: *«pois, senhora, olhe vossa mercê onde foi e com quem se juntou»*. Então a dita Isabel Soares lhe tornou a dizer: *«eu já tenho dito de todas senão somente daquela pessoa que eu tenho dito a vossa mercê, e se a mim não receberem agora as contraditas pode ser que logo me levem àquele tormento onde me farão dizer quanto me vier à boca, parva de mim que quando a mim levaram já àquele tormento poderá eu dizer que tudo quanto eu tinha confessado era mentira, e eu morrera assim, como assim hei-de morrer, e não condenara tantos. Senhor que livrastes aquele povo que estava cativo e o passastes pelo mar vermelho a pé e enxuto, livrai-me daquele tirano que parece que me quer tirar a alma. Senhor, vazai estes cárceres de homens*

¹⁵ AN/TT, *Tribunal do Santo Ofício*, Inquisição de Lisboa, processo 4626.

e mulheres, quantos neles estamos presos!». Perguntado a quem se referira ela Isabel Soares quando falou do tirano, respondeu o guarda do cárcere que entendeu ele declarante que a ré se referira a ele senhor deputado. Isabel Soares assegurara à dita sua companheira de cárcere que não havia de entrar naquela casa mais nenhum parente seu por via de sua confissão e que não havia de dizer que estivera com outras mais pessoas senão com aquelas que já dissera, nem que a levassem ao tormento, acrescentando que no dia seguinte havia de dizer aos inquisidores que não sabia tantas coisas nem se lembrava de outras. E isto ouviu e contou Jácome de Carvalho, outro dos guardas dos cárceres, ao inquisidor Heitor Furtado de Mendonça. Isabel Soares casou com AFONSO LOPES¹⁶, natural de Santarém, preso pela Inquisição de Évora em 31.07.1597, com 56 ou 57 anos, por culpas de judaísmo. Sabe-se que o casal terá residido em Évora, onde baptizaram os seus filhos, e mais tarde em Lisboa, no Beco da Chamiça. Tiveram¹⁷:

1 (VI) LEONOR SOARES. Foi baptizada em Évora, na freguesia de Santo Antão, em 31.05.1582. Foram seus padrinhos Fernão Gonçalves Cogominho e Maria de Almada. Morava em Lisboa, em frente da *porta travessa de S. Gião* (= S. Julião), quando foi presa pela Inquisição daquela cidade, em 03.03.1598, com apenas 14 anos de idade, por culpas de judaísmo. Saiu no auto-de-fé de 31.01.1599 abjurando em forma, com cárcere e hábito penitencial a arbítrio, instrução na fé católica e penas e penitências espirituais¹⁸.

¹⁶ Afonso Lopes casou com Isabel Soares sendo já viúvo de uma Isabel Álvares, cristã-nova. De seu primeiro casamento ficaram-lhe três filhos: a) Manuel Lopes, já viúvo em 1598, que foi para a Índia de Portugal; b) Pedro Lopes, que em 1598 era solteiro e aprendiz de boticário à Porta de Santa Catarina; c) Leonardo Lopes, que foi casado *não se sabe com quem* e residira em Lisboa.

¹⁷ Em 07.11.1577, na freguesia de Santo Antão, em Évora, foi baptizado um Leonardo, filho de Afonso Lopes e de Isabel Álvares. Presume-se que possa ser o mesmo casal Afonso Lopes e Isabel Soares, tendo em conta que a referida Isabel era filha de uma «Álvares», pelo que não seria de estranhar a referência à mesma com aquele apelido. Foram padrinhos do dito Leonardo, o Dr. Lopo Dias e Beatriz Nunes.

¹⁸ AN/TT, *Tribunal do Santo Ofício*, Inquisição de Lisboa, processo 5497.



- 2 (VI) MARGARIDA LOPES. Foi baptizada em Évora, na igreja de Santo Antão, em 03.06.1584. Foram seus padrinhos Henrique Mendes Casco e Duarte de Camões. Tinha apenas 13 anos quando foi presa pela Inquisição de Lisboa, conjuntamente com sua irmã Leonor.
- 3 (VI) MARIA ANA. Foi baptizada na igreja de Santo Antão, em Évora, em 21.01.1587. Foram seus padrinhos Sebastião de Carvalho e Leonor Lopes.
- 4 (VI) CLARA. Foi baptizada em Évora, na freguesia de Santo Antão, em 07.08.1590.
- 5 (VI) ANTÓNIA. Nascida cerca de 1591. Tinha 7 ou 8 anos em 1598.
- 6 (VI) FRANCISCA. Nascida cerca de 1592, pois tinha 6 anos em 1598.
- 7 (VI) JOANA. Nascida cerca de 1594, pois tinha 4 anos em 1598.

2 (V) LUCRÉCIA DE ORTA. Nascida em Évora cerca de 1577. Casou com ANTÓNIO RAMIRES¹⁹, ½ cristão-novo por parte de sua mãe, que teve loja de sedas em Lisboa e que depois passou a Monte Agraço.

Assinatura de Lucrecia de Orta (1613)

Foi presa, pela primeira vez, em 1599, aos 20 anos de idade, pela Inquisição de Lisboa²⁰. Em 16.08.1611, quando foi presa pela segunda vez por se encontrar com algumas pessoas que andavam escondidas e fugidas da Inquisição, apresentava-se já viúva e residia em Lisboa, ao Lagar do Sebo. Era *mulher grossa e baixo do corpo*²¹. Pelo crime de fautoria em judaísmo foi sentenciada ao pagamento das custas e a degredo, por três anos, para Castro Marim²².

¹⁹ No rosto do processo de Lucrecia de Orta, o seu marido é referido como Diogo Ramires, tratando-se certamente de um equívoco, uma vez que em algumas partes do mesmo processo e em outros processos é mencionado sempre como António Ramires.

²⁰ AN/TT, *Tribunal do Santo Ofício*, Inquisição de Lisboa, processo 7413.

²¹ Segundo declarou à Inquisição Baltazar Clemente, de cujo processo foram extraídas culpas para a acusação de Lucrecia de Orta.

²² AN/TT, *Tribunal do Santo Ofício*, Inquisição de Lisboa, processo 5077.



3 (V) BEATRIZ DE ORTA. Casou com FRANCISCO PERES MACHADO, mercador que tratava em trigo. Viveram em Évora e mais tarde em Lisboa. Antónia de Oliveira, mulher de Francisco Viegas, declarara certa vez à Mesa da Inquisição²³, corria o ano de 1597, que Beatriz de Orta e seu marido eram seus inimigos e lhe queriam muito mal por desentendimentos que tiveram, motivados por uma dívida, que há muito se arrastava, contraída por Francisco Peres Machado ao sobredito Francisco Viegas, no valor de 10.000 réis e respeitante à compra de trigo. Tiveram:

1 (VI) ÁLVARO. Foi baptizado em Évora, na freguesia de Santo Antão, em 19.02.1582. Foram seus padrinhos (...?) Peres e Maria Pinheiro, mulher de André Lopes, alcaide.

2 (VI) ANTÓNIO. Foi baptizado na freguesia de Santo Antão, de Évora, em 12.02.1583. Foram seus padrinhos Duarte Camões e Isabel Soares.

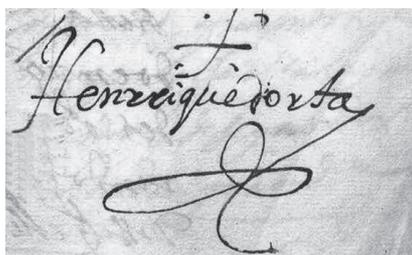
4 (V) HENRIQUE DE ORTA²⁴. Nascido em Évora, provavelmente em 1566, baptizado na igreja de Santo Antão. Embarcou, ainda novo, para o Peru. Mais tarde viveu em Lisboa, na Rua da Betesga, como mercador. Foi preso pela Inquisição de Lisboa, em 18.06.1611, com 45 anos de idade²⁵. Casou com CATARINA DA FONSECA, natural de Lisboa, filha de Jerónimo Nunes, médico, e de Maria da Fonseca²⁶. A sobredita Catarina da Fonseca

²³ Cf. AN/TT, *Tribunal do Santo Ofício*, Inquisição de Lisboa, processo 4589, fl. 101v.º da numeração mais recente.

²⁴ Certamente o mesmo Henrique de Orta, mercador e residente em Lisboa, a cuja irmã, um tal Manuel Aires, irmão de Fernão de Álvares Melo, certa vez, enviou uma carta através da qual lhe dera a notícia de que o dito seu irmão, Fernão de Álvares Melo, andava com uma sua irmã, daí resultando grandes diferenças e brigas entre os dois irmãos. A referida situação foi reportada pelo próprio Fernão de Álvares Melo, réu que apresentou a sua defesa numa sessão decorrida na Inquisição de Lisboa, em 1609, alegando que pelo exposto era o dito Henrique de Orta seu capital inimigo. (cf. AN/TT, *Tribunal do Santo Ofício*, Inquisição de Lisboa, processo 8051).

²⁵ AN/TT, *Tribunal do Santo Ofício*, Inquisição de Lisboa, processo 13067.

²⁶ A referida Maria da Fonseca era irmã de Jerónima da Fonseca, mulher do ilustre Doutor Elias Montalto, e ainda de Tomás da Fonseca e de Isabel da Fonseca, casada com o médico Pedro Rodrigues. Do mesmo casal, Jerónimo Nunes e Maria da Fonseca, foram filhos: a) Duarte Nunes da Costa, que viveu em Amesterdão, como judeu, com o nome de Jacob Curiel. Foi preso pela Inquisição de Lisboa por culpas de judaísmo, em 1638, com 40 anos de idade, sendo condenado a confisco de bens, excomunhão maior e relaxado à justiça secular [AN/TT, *Tribunal do Santo Ofício*, Inquisição de Lisboa, processo 7192]. Para a sua acusação foram retiradas culpas, de entre outros, do processo de seu tio materno Tomás da Fonseca (irmão de Jerónima da Fonseca, mulher do Doutor Elias Montalto), cristão-novo, médico, natural da Covilhã mas residente em Lisboa, filho do licenciado Lopo da Fonseca e de sua mulher Beatriz Henriques. O referido Tomás da Fonseca foi preso em 1619, com 47 anos de idade, acusado de judaísmo. Apresentava-se na referida data casado com D.



Assinatura de Henrique de Orta (1611)

foi presa pela Inquisição de Lisboa, em 28.07.1611, aos 26 anos de idade, por culpas de judaísmo. Saiu no auto-de-fé de 16.02.1614 com confisco de bens, abjuração em forma, cárcere e hábito penitencial perpétuo e penitências espirituais²⁷. Henrique de Orta e Catarina da Fonseca tiveram:

- 1 (VI) JERÓNIMO. Nascido, provavelmente, entre 1603 e 1605, tomando em conta que se apresentava com idade entre 6 e 8 anos, em 1611, quando seu pai foi preso.
- 2 (VI) RODRIGO. Nascido cerca de 1606, pois tinha 5 anos na referida circunstância.
- 3 (VI) MARIA. Nascida cerca de 1608, documentando-se com 3 anos em 1611.

- 5 (V) FRANCISCO GARCIA. Nascido cerca de 1564. Embarcou para a Índia e por lá viveu casado. Tinha 34 anos em 1598.
- 6 (V) MIGUEL DE ORTA. Nascido cerca de 1574. Viveu, casado, em Angola ou, segundo outros, embarcara para o Peru por volta de 1592.
- 7 (V) DIOGO SOARES. Nascido em Évora cerca de 1568, pois tinha 30 anos em 1598. Embarcou, sendo solteiro, para a Índia.

- 3 (IV) FRANCISCA DE ORTA ou HENRIQUES. Natural de Évora, nascida cerca de 1555, baptizada na igreja de Santo Antão da mesma cidade, onde foi residente no sítio da Padaria. Em 1611 já se apresentava viúva e residente em Lisboa, na Rua da Caldeiraria²⁸. Casou a 1ª vez na freguesia de Santo Antão em 10.08.1572 com MANUEL RODRIGUES, cristão-novo, rendeiro, natural de Arraiolos, filho de Jorge Rodrigues e de Clara Ferreira. Assistiram como testemunhas Catarina Carvalho, mulher de Luís Matoso, o próprio Luís Matoso,

Isabel Coronel, que se dizia cristã-velha, castelhana [AN/TT, *Tribunal do Santo Ofício*, Inquisição de Lisboa, processo 1355]; b) Luísa da Fonseca, natural de Lisboa, presa em 1611 pela Inquisição da mesma cidade, aos 20 anos de idade, por culpas de judaísmo. Era casada com António de Cáceres, cristão-novo, mercador [AN/TT, *Tribunal do Santo Ofício*, Inquisição de Lisboa, processo 2316]; c) Guiomar da Costa. A propósito de Duarte Nunes na Costa recomenda-se a leitura de «*Empires and Entrepois: Dutch, the Spanish Monarchy and the Jews*», 1585-1713, de Jonathan Israel.

²⁷ AN/TT, *Tribunal do Santo Ofício*, Inquisição de Lisboa, processo 6182.

²⁸ Mais tarde chamada Rua dos Odeiros.

Baltazar Rodrigues, confeitoiro, e Francisco Álvares, filho de Fernão Rodrigues. Casou, pela 2.^a vez, com ANTÓNIO DA FONSECA, corrector de escravos e cavalos, cristão-novo. Foi presa pela Inquisição de Lisboa, aos 44 anos de idade, em 22.09.1599, por culpas de judaísmo²⁹. Questionada sobre a sua genealogia declarou, entre outras mais coisas, que foi sua madrinha de baptismo uma mulher chamada Francisca, cujo apelido não tinha em memória, mas que sabia ser mulher de um vereador, e que foi seu padrinho D. Jorge, que morava na Rua de Alconchel, em Évora. Acrescentou ainda que foi crismada na Sé, da mesma cidade. Quando questionada relativamente a parentes presos, declarou que o foram seus primos Manuel Rodrigues e Francisco Álvares, irmãos, filhos de uma tia dela confitente, chamada Mor Dias, que saíram ambos em Évora com hábito penitencial, Isabel Rodrigues, também sua prima, e Isabel Soares, outra prima, também presa pela Inquisição de Évora. Do 2.^o casamento de Francisca de Orta, com António da Fonseca, houve:

- 1 (V) VICÊNCIA. Teria 8 anos em 1599, como tal, será admitir que possa ter nascido em 1591 ou em data próxima.
- 2 (V) FILIPA. Nascida cerca de 1593.
- 3 (V) FRANCISCO. Nascido cerca de 1595.

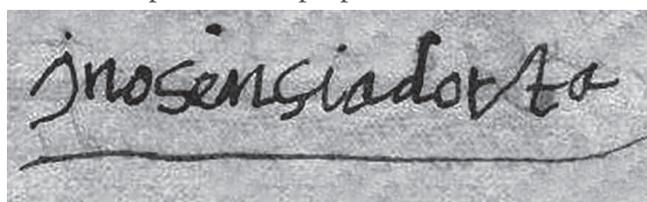
4 (IV) LUCRÉCIA NUNES. Natural de Évora e falecida em Lisboa, antes de 1603. Casou, pela 1.^a vez com PEDRO RODRIGUES³⁰, boticário, e pela 2.^a vez com JOÃO LOPES, cristão-velho, boticário, natural de Avis e falecido em Benavente, do qual não houve filhos. Após a morte de seu segundo marido, Lucrecia permaneceu residente em Lisboa, à Padaria. Houve do seu primeiro casamento a seguinte e única filha:

- 1 (V) INOCÊNCIA DE ORTA. Nascida em Évora cerca de 1577, baptizada e crismada na mesma cidade, na igreja de Santo Antão. Em 1595 ainda se apresentava solteira, embora tenha casado pouco tempo depois. Viveu em Lisboa, na Rua dos Ourives ou na Rua dos Douradores,

²⁹ AN/TT, *Tribunal do Santo Ofício*, Inquisição de Lisboa, processo 12660.

³⁰ Tanto é referido como cristão-novo como cristão-velho, pelo que fica a dúvida, não obstante sua filha ter declarado que seu pai era cristão-velho.

embora com tenda na Rua da Confeitaria, casada com Álvaro Rodrigues, cristão-novo, confeitiro, *que serviu como soldado na sua mocidade*, preso pela Inquisição de Lisboa em 23.09.1599, por culpas de judaísmo, falecido nos cárceres em 12.07.1603³¹, filho de Gonçalo Rodrigues, cristão-novo, sapateiro, natural de Beja, também preso pela Inquisição de Lisboa pelo crime de judaísmo³², e de sua mulher Joana Lopes, natural de Lisboa, presa nos Estaus em 11.01.1600, com 50 anos idade, também por culpas de judaísmo, filha de Rodrigo Serrão³³, curtidor, e de Maria de Olivares, saindo condenada em cárcere e com hábito penitencial perpétuo³⁴.



Assinatura de Inocência de Orta (1603)

Inocência foi presa pela Inquisição de Lisboa, em 25.06.1603, com 26 anos de idade, por culpas de judaísmo. Foi solta em 19.01.1605, beneficiando do perdão concedido pelo Papa Clemente VIII, após abjuração em forma de seus erros³⁵. Para a sua acusação foram retiradas culpas dos processos de Álvaro Rodrigues, seu marido; de Francisca de

³¹ AN/TT, *Tribunal do Santo Ofício*, Inquisição de Lisboa, processo 190. Álvaro Rodrigues era irmão de: a) Guiomar Lopes, presa pela Inquisição de Lisboa, em 30.07.1603, com 27 anos de idade, por culpas de judaísmo [cf. processo 8961 – Inquisição de Lisboa]; b) Beatriz Lopes, natural de Lisboa, presa pela Inquisição da mesma cidade, em 1603, com 23 anos de idade, ainda solteira, por culpas de judaísmo [cf. processo 11617 – Inquisição de Lisboa].

³² AN/TT, *Tribunal do Santo Ofício*, Inquisição de Lisboa, processo 7792. Gonçalo Rodrigues foi preso em 13.07.1570, com 35 anos de idade, saindo no auto-de-fé de 11.03.1571 com confisco de bens, abjuração em forma e cárcere e hábito penitencial perpétuos. Era filho de Álvaro Henriques, tendeiro, e de Isabel Rodrigues. Álvaro Henriques, seu pai, natural de Vidigueira, merceiro, filho de Henrique Vaz e de Violante Barbuda, ambos cristãos-novos, foi preso pela Inquisição de Évora, em 21.07.1571, com 65 anos de idade, por culpas de judaísmo, e sentenciado no auto-de-fé de 14.12.1572 a abjuração em forma, cárcere e hábito penitencial perpétuos sem remissão, instrução nos mistérios da fé, cumprimento de um tempo de cárcere nas galés ou noutra lugar que lhe for indicado por conta das falsidades que cometeu, levando hábito penitencial de fogo e sendo açoitado publicamente [cf. processo 768 – Inquisição de Évora].

³³ O sobredito Rodrigo Serrão seria, certamente, o mesmo que residindo em Évora foi preso, em 1536, como cristão-novo mas declarando-se cristão-velho, curtidor, acusado de heresia, sendo condenado no auto-de-fé de 15.08.1537 a abjuração pública de seus erros e ao pagamento de 1.000 réis para obras pias [cf. processo 3850 – Inquisição de Lisboa, em vias de transitar para a secção referente à Inquisição de Évora, com o número de processo ainda a atribuir, conforme informação veiculada e disponível, em 07.01.2017, na plataforma *Digitary* da Torre do Tombo].

³⁴ AN/TT, *Tribunal do Santo Ofício*, Inquisição de Lisboa, processo 8505.

³⁵ AN/TT, *Tribunal do Santo Ofício*, Inquisição de Lisboa, processo 8956.

Orta, sua tia materna; de Joana Lopes, sua sogra; de Guiomar Lopes e de Beatriz Lopes, suas cunhadas; de Leonor de Castro, que não era sua parente, casada com Henrique Simões; de Manuel Rodrigues «o Ganhão». Álvaro Rodrigues, marido de Inocência Lopes, foi preso cerca de 10 ou 11 meses após o seu casamento e pouco tempo depois de sua mulher ter dado à luz. Pelo exposto, estima-se que o casal tenha consumado o casamento em 1598. Tiveram o seguinte filho:

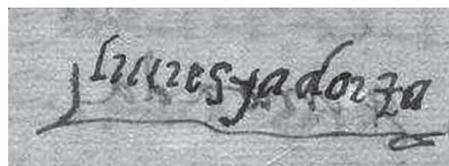
1 (VI) PEDRO. Segundo declarações de sua mãe, o seu nascimento deu-se pouco tempo antes de seu pai ter sido preso. Sem o amparo e a tranquilidade dos pais, não sobrevivera durante muito tempo, falecendo assim de tenra idade.

De Jorge de Orta, *n.º 1 II, do presente* §, e de sua mulher Clara Henriques (partindo do pressuposto de que se tratara do mesmo Jorge de Orta que fora casado com Lucrecia Nunes e, assim, admitindo ter tido com Clara Henriques um 2.º casamento) documentam-se os seguintes filhos:

4 (III) ANTÓNIO DE ORTA. Casou com MOR LOPES.

5 (III) FERNÃO DE ORTA. Cristão-novo, mercador, *que tratava com coisas da Índia*. Casou com MÉCIA PINTO, cristã-nova, filha de Duarte Pinto e de Isabel Vaz. Viveram em Lisboa. Eram já defuntos em 1600, falecidos na dita cidade. Tiveram:

1 (IV) LUCRÉCIA DE ORTA. Nascida cerca de 1570 em Lisboa, cristã-nova, presa pela Inquisição daquela cidade em 23.08.1600, com 30 anos de idade, por culpas de judaísmo. Na circunstância da sua prisão encontrava-se na casa onde residia, em Lisboa, às Pedras Negras³⁶. Foi casada com FERNÃO DE ORTA, cristão-novo, mercador, tratante de coisas da Índia e banqueiro, preso aos 25 anos, em 1597, pela Inquisição de Lisboa³⁷, filho de Manuel de Orta, *n.º 2*



Assinatura de Lucrecia de Orta (1600)

³⁶ AN/TT, *Tribunal do Santo Ofício*, Inquisição de Lisboa, processo 7411.

³⁷ AN/TT, *Tribunal do Santo Ofício*, Inquisição de Lisboa, processo 12087.



III do § 2.º, e de sua mulher Guiomar Peres. Perguntada sobre parentes que tivessem sido penitenciados pelo Santo Ofício, respondeu que não sabe de parente que o fosse, salvo Diogo de Orta, seu primo segundo e seu cunhado, que saiu destes cárceres com hábito penitencial, e o dito seu marido Fernão de Orta, que saiu sem penitência.

- 2 (IV) ANDRÉ PINTO. Residiu em Portalegre, onde exerceu cirurgia. Casou com sua parente ISABEL DE ORTA, também conhecida como «a Ortinha», n.º 1 IV do § 7.º, filha de Francisco de Orta e de Catarina Lopes, com geração que aí segue.
- 3 (IV) Dr. HENRIQUE DE ORTA³⁸. Foi procurador em Lisboa. Dele não temos outra notícia, mas sabe-se que era já falecido em 1600.

§ 2.º

ORTA | PIMENTEL | CANIS | PIMENTEL | ABENIACAR

Do casamento de Fernão de Orta, n.º I do § 1.º, com Leonor Gomes, sua segunda mulher, houve:

- 2 (II) Dr. GARCIA DE ORTA. Nascido em Castelo de Vide³⁹, provavelmente em 1501. Estudou, após 1515, nas universidades de Salamanca e Alcalá de Henares, especializando-se em Gramática, Artes e Filosofia Natural. Em 1523 licenciou-se em Medicina⁴⁰, tendo depois regressado à sua terra-natal onde exercera clínica. Em 1526 foi-lhe concedida licença para praticar medicina. E aproveitando a licença concedida resolvera, nesse mesmo ano, mudar-se para Lisboa, onde exercera medicina ao serviço do

³⁸ Temos notícia de um Fernão de Orta Pinto, que frequentou Leis na Universidade de Coimbra, entre 1583 e 1585, sendo filho de Henrique de Orta [cf. Arquivo da Universidade de Coimbra, *Matrículas*, Código de referência: PT/AUC/ELU/UC-AUC/B/001-001/P/006131]. Documenta-se, ainda, um Henrique de Orta, natural de Lisboa, que frequentou a Universidade de Coimbra entre 1553 e 1557, cursando durante esse período Leis, Artes, Instituta e Cânones e submeteu-se a exame para bacharel em Leis e grau do mesmo em 16.07.1556. Lamentavelmente, não se refere a filiação [cf. Arquivo da Universidade de Coimbra, *Matrículas*, Código de referência: PT/AUC/ELU/UC-AUC/B/001-001/H/000786].

³⁹ Não deixaremos de assinalar como, no mínimo, discutíveis, se não mesmo absurdas, em nossa perspectiva, algumas afirmações de Julio Caro Baroja, historiador espanhol que viveu entre 1914 e 1995, quando se refere a Portugal e/ou aos portugueses, demonstrando um estilo, porventura, exacerbadamente patriótico, como a quem parece que os rios deverão ser pertença só da terra onde brotam. O mesmo autor defende ainda, perante a evidência dos factos revelados pelas fontes documentais apresentadas pelo investigador Joaquim Carvalho e reforçadas por António Borges Coelho ao esclarecerem a naturalidade dos pais e avós de Baruch Espinosa, que a família do filósofo era espanhola, ignorando o facto de já existirem «Espinosas» no Alentejo, havia pelo menos 100 anos antes do nascimento do mesmo. «... en realidade, Garcia d'Orta, Epinosa Y Oróbio de Castro, Cardoso y Méndez Silva, o cualquier outra personalidad judaica de las que salieron o vivieron fuera de la Península, oriundos de Portugal y conocedores de la lengua española, no pueden ser considerados como portugueses (o españoles) más que de modo subjetivo». [Cf. BAROJA, Julio Caro. *op. cit.*, p. 221]

⁴⁰ SERRÃO, Joel (1968). «Orta, Garcia de», *Dicionário de História de Portugal*, III. Lisboa: Iniciativas Editoriais. 248-249.





Garcia de Orta

rei D. João III. Em 1530 é admitido na Universidade de Coimbra como professor da cadeira de Lógica. Chegou a privar com o ilustre matemático Pedro Nunes. Leccionou a cadeira de Filosofia Natural na Universidade de Lisboa, por deliberação do conselho da mesma universidade em 1533, após ter dado algumas conferências no âmbito da mesma temática. Em 12.03.1534 resolvera embarcar para a Índia como médico pessoal de Martim Afonso de Sousa, capitão-mor do mar da Índia e depois governador daquele território. Em Goa, «o Ervas», assim conhecido devido ao seu gosto e dedicação pelo estudo das plantas, adquirira grande reputação no exercício da arte de curar, tendo-a exercido quer no hospital como na prisão. Destacou-se como médico de figuras de renome no quadrante político e social da época, sendo exemplo Burhan Nizam Shah, o sultão de Ahmadnagar. Ainda em Goa veio a privar com o grande poeta Luís de Camões, de quem se tornara grande amigo, bem como do vice-rei Pedro Mascarenhas. Foi a amizade com este último que lhe possibilitou usufruir do foro da ilha de Bombaim, em 1554, onde mandara erigir uma quinta ou solar. No mesmo local edificaram os britânicos, mais tarde, o Forte (ou Castelo) de Bombaim, também conhecido por «Casa de Orta»⁴¹.

Assinatura de Garcia de Orta (1538)

⁴¹ In https://pt.wikipedia.org/wiki/Garcia_de_Orta, acedido em 18.01.2017.



Garcia de Orta recebeu-se, em 1541, com a rica herdeira, Brianda de Solis⁴², nascida cerca de 1524 em Alter do Chão, filha de Henrique de Solis e de sua mulher Ana Álvares. Em Goa Garcia de Orta continuava a aprofundar os seus conhecimentos sobre as propriedades das drogas e medicamentos através de observação directa e estudo das ervas e plantas passivas de aplicação medicinal, contrariando a tendência verificada no seio da comunidade médica portuguesa dos séculos XVI a XVIII, em que os profissionais da área da saúde contribuía para o desenvolvimento da medicina, essencialmente, através de observações e experimentações clínicas.

Em 1563 foi substanciada e editada em Goa aquela que viria a ser considerada como uma obra de referência e de inestimável valor no domínio da botânica aplicada à medicina. Nascia, assim, o livro *Colóquio dos simples e drogas e coisas medicinais da Índia*, da autoria do notável Dr. Orta, escrito em português na forma de diálogo entre o próprio autor e um suposto colega, de seu nome Ruano, que acabara de chegar a Goa cheio de curiosidade e de interesse em aprofundar conhecimentos sobre a medicina daquela região. O livro encontra-se estruturado em 58 capítulos, contemplando informação diversa sobre drogas orientais, essencialmente de origem vegetal, como por exemplo, o ópio, o ruibardo, os tamarindos, a cânfora, o benjoim

⁴² Brianda de Solis tivera, pelo menos, uma irmã, chamada Beatriz de Solis, que casou com Fernão Nunes. Segundo declarara Catarina de Orta, em 1569, «... Brianda de Solis, mulher do dito doutor, Beatriz de Solis, sua irmã, mulher de Fernão Nunes, todas cristãs-novas...» e «... e da dita Beatriz de Solis disse que era amiga e que também é alguma coisa sua parenta, como o é da dita Brianda de Solis, porque são ambas irmãs inteiras. E que ela testemunha não tem por sua amiga Brianda de Solis.» [cf. processo 1283 – Inquisição de Lisboa, fl. 56v, imagem digital 112]. Provavelmente da mesma família seria Joana de Solis, cristã-nova, natural de Alter do Chão, filha do Mestre Francisco e de Brianda de Solis (note-se a coincidência do nome). A referida Joana de Solis foi presa por culpas de judaísmo em 1563 [Proc. 8539 – Inquisição de Lisboa], com cerca de 60 anos de idade, sendo residente na Rua Nova dos Ourives em Lisboa, e casada com Fernão Lopes, ourives do ouro, “homem limpo e bem arranjado, que não se vê em tabernas nem desmanchado a comer e a beber, como outros...”, preso em 1561, com 70 anos, pelo mesmo crime [Proc. 5752 – Inquisição de Lisboa], declarando-se irmã de Henrique de Solis, que vivia na Judeia, e de Beatriz de Solis, que já viúva era residente em Lisboa, e prima de uma Isabel de Solis. A mesma Joana de Solis declarara, ainda, nos Estaus, não ter tios nem tias, mas ter quatro filhos, a saber: a) o Lic. Pedro Lopes, físico; b) Francisco Lopes, ourives do ouro, que vivia em Lisboa; c) Henrique de Solis; d) Grácia Lopes, casada com António da Veiga, escrivão, também morador na referida cidade. Por confessar suas culpas e demonstrar arrependimento, Joana saiu reconciliada com cárcere e hábito penitencial ao arbítrio dos inquisidores. Documenta-se uma Isabel de Solis, eventualmente a tal prima a que fez referência Beatriz de Solis, que se dizia tia de Francisca de Solis e de Maria de Solis. A referida Francisca de Solis, cristã-nova, natural de Portalegre, foi casada com Francisco Lopes, de alcunha «o Gago», ao qual já fizemos referência em notas de rodapé do § 1.º do presente Título. Como estratégia para impulsionar uma possível investigação em torno da família «Solis», fazemos notar que uma tal Brianda de Solis e seu marido Adão Dias, foram arrolados, em 1580, pelo referido Francisco Lopes, marido de Francisca de Solis, como testemunhas na sua defesa, declarando a dita Brianda de Solis ser filha de uma prima co-irmã de Francisca de Solis, mulher do réu [cf. AN/TT, *Tribunal do Santo Ofício*, Inquisição de Évora, processo 9701, fl. 43 da numeração recente]. Documenta-se uma Brianda de Solis, casada com Francisco Carrilho, pais de Garcia Gomes que casou na freguesia de Santo Antão da cidade de Évora, em 03.05.1573, com Catarina Vaz, filha de Sebastião Fernandes e de Isabel Vaz, estando presentes como testemunhas Tomás de Castro, Simão Rodrigues, Inês Dias, mulher de Gaspar Vaz, alfaiate, e Teresa Gonçalves, mulher de Marcos Dias, tecelão, além de outra gente. Em 07.10.1570 encontrava-se em Castelo de Vide uma Isabel de Solis, quando assistiu como madrinha de baptismo de Catarina, filha de Bartolomeu Rodrigues e de Leonor Gomes.



e o aloés. Além das características botânicas da planta, Orta dá a conhecer através do seu livro a origem de muitas plantas medicinais e as suas propriedades terapêuticas, algumas que na época permaneciam absolutamente desconhecidas na Europa⁴³. Garcia de Orta faleceu em Goa em 1568. Apesar de não ter sido directamente acossado pela Inquisição, após a sua morte assistiu-se a uma intensa perseguição à sua família, de que resultou a acusação de vários de seus parentes próximos como praticantes de judaísmo e a condenação de sua irmã Catarina à fogueira, cerca de 1 ano após a morte de seu irmão. Como se não bastasse, decidira o Tribunal do Santo Ofício, em 1580, ordenar que os restos mortais de Garcia de Orta fossem exumados da Sé de Goa e reduzidos a pó por via do fogo, fazendo-se juz ao que alguns chamavam de sentença e condenação *pós-mortem*. Do matrimónio de Garcia de Orta com Brianda de Solis houve:

- 1 (III) BEATRIZ DE ORTA. Matrimoniou-se com seu primo DAMIÃO DE SOLIS.
- 2 (III) N..., «*uma filha*», de cujo nome não tivemos notícia.

- 3 (II) VIOLANTE DE ORTA. Casou com RUI FERNANDES, de Lamego⁴⁴.
- 4 (II) CATARINA DE ORTA, com quem seguimos.
- 5 (II) ISABEL DE ORTA. Casou com FRANCISCO VAZ. Foi presa em 1547, em Lisboa, conjuntamente com sua irmã Catarina. Depois de lhe ter sido levantado o cárcere, embarcou com a dita sua irmã para a Índia, após ter decidido que por vergonha nunca haveria de viver em Lisboa, onde havia sido presa. Após a morte do seu irmão, Garcia de Orta, decidiu-se a regressar ao reino.

II – CATARINA DE ORTA. Nascida em Castelo de Vide, provavelmente entre 1511 e 1514 e baptizada na igreja de Sta. Maria da Devesa, da mesma vila, na presença de Beatriz

Coloquios dos simples, e drogas he coufas medicinais da India, e assi dalgũas frutas achadas nella onde se tratam algũas coufas tocantes a medicina, pratica, e outras coufas boas, pera saber cõpostos pello Doutor garçia dorta: fisico del Rey nosso senhor, viftos pello muyto Reuerendo senhor, ho liçençiado Alexos diaz: falcam desenbar-gador da casa da supricaçã inquisidor nestas partes.

Com privilegio do Conde viõo Rey:

Im presso em Goa, por Ioannes de endem as .x. dias de Abril de 1563. annos.

Frontispício do *Colóquio dos Simples* de Garcia de Orta. Goa, 1563

⁴³ Cf. https://pt.wikipedia.org/wiki/Garcia_de_Orta, acedido em 18.01.2017.

⁴⁴ Cf. AN/TT, *Tribunal do Santo Ofício*, Inquisição de Lisboa, processo 1283 (Catarina de Orta).

Anes, sua madrinha, e António Ribeiro, seu padrinho. Viveu em Lisboa, com certo desassossego no que respeita a relações de vizinhança. Perante o cerco do Santo Ofício, decidira seu irmão, Garcia de Orta, convencê-las, a ela e a sua irmã Isabel, a acompanhá-lo para Goa com a promessa de vir a casar as suas filhas com os filhos das mesmas. Assim fizeram, acatando a sugestão do irmão embarcaram as duas na nau S. Filipe, chegando a Goa em 05.09.1548. Ali viveram, em clima de aparente serenidade até resolverem regressar ao reino. Catarina foi, novamente, presa pela Inquisição em 23.10.1568, com 55 anos de idade, sendo a sua acusação formada com base nas mesmas culpas⁴⁵. Foi denunciada por Isabel Ortiz, castelhana, que segundo a própria Catarina de Orta seria mulher de mau viver⁴⁶, manceba de um Vasco Lobo, clérigo de missa que foi cura de S. Gião e primeiramente de S. Nicolau. Foi ainda denunciada por Leonor Lobo e Catarina Lobo, filhas da anterior, e também por Mécia Queirós ou Cabral, que segundo alegara a mesma Catarina de Orta, seriam suas capitais inimigas, resultando entre elas muito ódio, que há muito que as sobreditas vinham dizendo que haviam *de fazer queimar a ré e sua irmã Isabel de Orta e pô-las na Santa Inquisição*. Teve má sorte esta Catarina. Além do pagamento das custas, a sentença proferida impunha-lhe a pena capital, ou seja, queimada na fogueira, o que foi cumprido em 25.10.1569, sendo a ré declarada como impenitente e relapsa⁴⁷. Deixou viúvo LEONEL GONÇALVES ou PERES⁴⁸, cristão-novo, também natural de Castelo de Vide, onde haviam casado e vivido alguns anos. Segundo declarara Catarina de Orta, passaram de Castelo de Vide para Lisboa quando faleceu o Senhor Dom Duarte, filho d'El Rei Dom João, ou seja, em 1543. Neste ponto encontramos alguma incongruência nas declarações de Catarina de Orta, pois dizia que tinha 25 anos e já dois filhos na data em que passou a Lisboa, ou seja, teria nascido cerca de 1518, quando antes já havia declarado, na data da sua prisão, ter 55 anos, ou seja, nascida em 1513 ou 1514, além de ter também declarado que na data em que seu pai falecera, em 1521, teria 10 anos, pouco mais ou menos, ou seja, nascida cerca de 1511. Daqui se deduz a dificuldade que aquela gente teria em contabilizar o tempo. Tiveram:

1 (III) FILIPA GOMES, com quem abrimos o § 3.º.

⁴⁵ AN/TT, *Tribunal do Santo Ofício*, Inquisição de Lisboa, processo 1282 e 1283.

⁴⁶ Catarina de Orta acrescenta nas contraditas que apresentou em sua defesa, que o dito clérigo, Vasco Lobo, *se foi à Índia e a dita Isabel Ortiz e Catarina Lobo e Leonor Lobo, e as metera todas em sua casa, mãe e filhas, e viviam desonestamente (...) mulheres solteiras, e entrando e saindo muitos homens em sua casa, aos olhos e face de sua mãe, e as pessoas que as conheciam as tinham por mulheres solteiras infames e algumas vezes a dita Catarina Lobo se ia desta cidade para onde a corte estava, assim a Évora como a Almeirim, ganhar sua vida por seu corpo, como outras mulheres solteiras fazem, por vontade e consentimento de sua mãe, tornando a casa onde todas estavam e comiam e bebiam como mãe e filhas*. [cf. processo 4317 – Inquisição de Lisboa, fl. 23].

⁴⁷ Marcelo Bogaciovas, ilustre investigador, refere que Garcia de Orta «viu sua irmã Catarina d'Horta ser queimada em Goa», presume-se que a referida expressão tenha sido usada no sentido figurativo, uma vez que na data em que Catarina foi condenada à fogueira já Garcia de Orta havia falecido. [Vide BOGACIOVAS, Marcelo Meira Amaral. *Tribulações do Povo de Israel na São Paulo Colonial*. Dissertação de Mestrado, FFLCH/USP, 2006, p. 56]

⁴⁸ Este Leonel Gonçalves ou Peres seria irmão de Clara Dias, de Castelo de Vide, que saiu de Portugal com um moço chamado Jorge Pinto que, segundo Baroja, seria o mesmo Isaac do Cairo, que os familiares mais próximos tratavam por «Isaquito», que era *um homem discreto e sabedor de muitas línguas*. [Cf. BAROJA, Julio Caro. *Los judíos en la España moderna y contemporánea*, Vol. I, p. 221]

- 2 (III) MANUEL DE ORTA, que segue.
- 3 (III) DUARTE GONÇALVES DE ORTA. Viveu em Roma e em Veneza, muito rico, como judeu, mercador⁴⁹. Casou, beneficiando de dispensa matrimonial, com sua sobrinha CATARINA PIMENTEL, *n.º 4 IV*, sem filhos.
- 4 (III) LEONEL GONÇALVES DE ORTA. Presume-se filho daqueles que aqui leva como pais⁵⁰.

III – MANUEL DE ORTA. Documenta-se como natural de Castelo de Vide, conforme declarou Francisco de Orta, seu filho, à Mesa da Inquisição. Negociava com *coisas* da Índia. Sua mãe, Catarina de Orta, refere-se a Manuel de Orta como o seu filho mais velho, dando conta de algumas contendas que o mesmo tivera com um Simão Rodrigues, porque ambos pretendiam namorar a mesma donzela⁵¹. Acabara por casar com GUIOMAR PERES⁵², natural de Lisboa, irmã de Francisco Peres da Rocha, *homem baixo e grosso do corpo e que tem mais barba branca que preta, morador na rua que vai para as portas da Mouraria*⁵³, que foi casado com D. Leonor, Luís Peres da Rocha, Fernão Peres da Rocha, mercador de sedas, e Isabel da Rocha casada com Fernão de Álvares, cristão-novo, tratante, de Elvas, todos filhos de Diogo Fernandes Badajoz, que foi preso pela Inquisição de Lisboa⁵⁴, e de sua mulher Constança Peres que, já na situação de

⁴⁹ Cf. AN/TT, *Tribunal do Santo Ofício*, Inquisição de Lisboa, Proc.1283, fl. 8 v.º.

⁵⁰ Documenta-se um Leonel Gonçalves, casado com uma Catarina Martins, que teve um filho chamado Manuel, baptizado em Novembro de 1567 em Sta. Maria da Devesa, Castelo de Vide. Seria este Leonel Gonçalves o filho de Catarina de Orta? Consideramos que tal hipótese, numa perspectiva cronológica, seria absolutamente admissível, uma vez que o mesmo Leonel Gonçalves, sendo pai em 1567, deveria ter nascido entre 1530 e 1540. Sabendo que Catarina de Orta teria nascido entre 1511 e 1513, encontrar-se-ia em 1530 com idade entre os 17 e 19 anos, e por conseguinte, em 1540 com idade entre 27 e 29 anos, ou seja, com idade ajustada para gerar um filho. Já depois de passarmos a escrito a hipótese anterior, deparamo-nos com Leonel Gonçalves, oficial de cardador, a servir de testemunha, em 1587, no processo de Maria Fernandes, mulher de Francisco Sanches, onde o mesmo Leonel declara ter 55 anos, ou seja, nascido, provavelmente em 1532, o que vem dar maior substância à hipótese teorizada [cf. processo 7947 Inquisição de Évora]. Pelo exposto, que se considere a filiação deste Leonel Gonçalves, que aqui propomos, com as devidas reservas e, na ausência de outros elementos probos, não mais que uma hipótese, embora em nosso entender, com algum fundamento teórico.

⁵¹ Cf. AN/TT, *Tribunal do Santo Ofício*, Inquisição de Lisboa, processo 1283, fl. 64 v.º, imagem digital 128.

⁵² No traslado, apresentado no processo de Diogo de Orta, das declarações de António de Mello (cristão-novo, que se fez passar por Familiar do Santo Ofício para entregar uns papéis com recados a um dos presos), refere-se a mãe do mesmo Diogo de Orta como Catarina Peres, o que constitui um erro [cf. processo 229 – Inquisição de Lisboa, fl. 8].

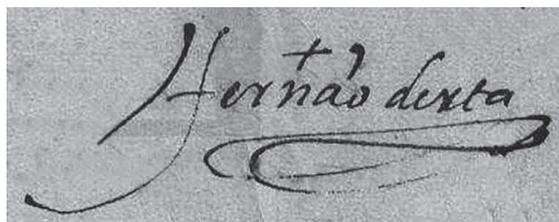
⁵³ Conforme o descrevera Antónia de Oliveira, mulher de Francisco Viegas, em 1597 [AN/TT, *Tribunal do Santo Ofício*, Inquisição de Lisboa, processo 4589, fl. 154 da numeração mais recente].

⁵⁴ Diogo Fernandes Badajoz, cristão-novo, natural de Badajoz mas residente em Lisboa na Rua Nova dos Ferros, caixeiro, foi preso pela Inquisição de Lisboa em 1572, aos 60 anos de idade, por culpas de judaísmo, sendo filho de Francisco Badajoz e de Catarina Álvares. Logo após a sua prisão, ao ser visitado por Francisco Dias, alcaide do cárcere, Diogo Fernandes Badajoz aproveitou a circunstância para tentar subornar o dito alcaide, pedindo-lhe que ficasse com algumas peças que levava consigo para a prisão, uma vez que não teria necessidade delas, designadamente, uma cadeia de ouro, um apito e um anel também de ouro e ainda um esgravatador, de dentes de prata, sugerindo ao dito guarda que tomasse aquelas peças e fizesse delas o que bem entendesse, ao que o outro de imediato respondeu que não as havia de tomar e tendo o caso chegado ao conhecimento da Mesa, logo os inquisidores mandaram apreender as ditas peças e mais dois tostões em prata, tudo metido numa bolsa de damasco, para que fossem entregues ao juiz do Fisco. Nas suas confissões denunciara, entre outros, Diogo de Castro e António de Castro (*alto de corpo, barba preta, de boas carnes e anda vendendo panos da Índia*), sobrinhos da sua mulher, Constança Peres, por serem filhos de uma irmã da mesma chamada Catarina Rodrigues, relatando episódios relacionados com viagens feitas pelos ditos irmãos a outras partes, fora do reino. Questionado sobre a sua genealogia, acrescentara que tivera um tio, por parte de sua mãe, chamado Diego Álvares, que fora mercador e residente na Rua Nova em Lisboa, e que ele réu tinha um irmão chamado João Fernandes, calceteiro,

viúva, chegara a viver em Lisboa por cima do Arco dos Pregos, em casa de sua filha Isabel da Rocha. Eram ambos já falecidos em 1597, tendo Guiomar falecido em Santa Justa e seu marido em São Nicolau, na cidade de Lisboa, onde foram residentes. Tiveram:

- 1 (IV) FERNÃO DE ORTA. Nascido em Lisboa, provavelmente, em 1571 e baptizado na freguesia de São Gião (São Julião). Em 1596 ainda se apresentava solteiro e residia com sua mãe, já viúva, na Calcetaria, freguesia de São Gião (São Julião), em Lisboa. Foi preso pela Inquisição da referida cidade, em 16.02.1597, por culpas de judaísmo⁵⁵, residindo na mesma ocasião na Caldeiraria, freguesia de S. Nicolau. Foi residente em Rouen (França), sendo descrito fisicamente, em 1644, como *barbado e branco* e, como consta na carta remetida pela Inquisição de Toledo, «*tiene já canas*» ou seja, teria já cabelos grisalhos⁵⁶. Casou com sua prima LUCRÉCIA DE ORTA, referida acima, com dispensa matrimonial, em 02.06.1596 à porta da Igreja de Santo André, em Lisboa, *sem se apregoarem por temerem que a mãe dele declarante (Fernão de Orta) e seus parentes impedissem o casamento e desde esse tempo para cá e muito tempo antes vivem de porta a dentro*. Casou a 2.^a vez com ISABEL DE MIRANDA, cristã-nova, sobrinha da sua primeira mulher. Não houve filhos, de um ou de outro casamento. Em 1646 Isabel de Miranda vivia, já viúva, em Rouen (França).

Segundo declarara seu irmão, Diogo de Orta, à Mesa da Inquisição, certa vez, *quinze dias pouco mais ou menos antes que prendessem a ele declarante, não lhe lembra o dia nem a semana, somente era um dia de fazer, pela manhã, no Terreiro do Paço desta cidade, falou com seu irmão Fernão de Orta, e as palavras que lhe disse ele, Diogo de Orta, a Fernão de Orta eram que cresse ele Fernão de Orta na Lei de Moisés e não fosse tão Santo como era nem metesse irmãs freiras que queria meter em Santa Mónica, e ele Fernão de Orta lhe respondeu que não fosse parvo, que lhe daria com a espada pela cabeça, e que bastasse aquele aviso para lhe não falar mais nisso*⁵⁷. Confidenciara nunca ter saído do reino, por mar nem por terra, excepto a Segóvia (Castela), onde levara anil.



Assinatura de Fernão de Orta (1597)

que vivia na Rua dos Calceteiros, em Lisboa, embora naquela data já se encontrasse *entrevado*. Declara ainda que tivera uma irmã, Isabel Álvares, que à data em que ele réu foi preso vivia em Lisboa sendo já viúva. Questionado sobre parentes que tivessem sido presos pelo Santo Ofício, declarou que o foram seu tio Diego Álvares e sua mulher, pela Inquisição de Évora, mas que se encontravam já livres. [AN/TT, *Tribunal do Santo Ofício*, Inquisição de Lisboa, processo 12360].

⁵⁵ AN/TT, *Tribunal do Santo Ofício*, Inquisição de Lisboa, processo 12087.

⁵⁶ AN/TT, *Tribunal do Santo Ofício*, Inquisição de Lisboa, processo 10312, fl. 17 v.º.

⁵⁷ Idem, *ibidem*, fl. 11.

- 2 (IV) DIOGO DE ORTA, com quem seguimos.
- 3 (IV) DUARTE DE ORTA. Não foi casado nem teve filhos. Já era falecido na data da prisão de seu irmão Diogo de Orta.
- 4 (IV) ANTÓNIO DE ORTA. Morreu solteiro e sem filhos.
- 5 (IV) JORGE DE ORTA. Morreu solteiro e sem filhos.
- 6 (IV) CATARINA DE ORTA. Nascida cerca de 1580. Seria de 17 anos, em 1597. Faleceu em Lisboa, sendo solteira.
- 7 (IV) FILIPA DE ORTA. Nascida cerca de 1583. Seria de 13 ou 14 anos, em 1597. Faleceu em Lisboa, sendo solteira.
- 8 (IV) FRANCISCO DE ORTA [DAVID]. Nascido em Lisboa cerca de 1587. Mercador. Casou com MARIA NUNES [REINA CANIS], reconciliada pela Inquisição de Lisboa, filha de Francisco Viegas (também chamado de *Jacob Nemias*)⁵⁸ e de Antónia de Oliveira⁵⁹, ambos reconciliados pela referida Inquisição. Francisco ausentou-se para Amesterdão, onde vivera como judeu, circundado, com o nome de «David» e sua mulher com o nome de *Reina Canis*. Foi preso pela Inquisição de Lisboa, em 04.10.1642, com 55 anos de idade, por culpas de judaísmo. Saiu no auto-de-fé de 10.07.1644 com hábito penitencial perpétuo, penas e penitências espirituais⁶⁰. Na referida data foi descrito como homem *magro, comprido e branco da barba*. Para a sua acusação foram retiradas culpas dos processos de Heitor Mendes Bravo⁶¹,

⁵⁸ AN/TT, *Tribunal do Santo Ofício*, Inquisição de Lisboa, processo 10312, fl. 30 [processo de Francisco de Orta]. Francisco Viegas, cristão-novo, mercador, natural de Castelo Mendo (Guarda), foi preso pela Inquisição de Lisboa, em 13.05.1594, por culpas de judaísmo, sendo pessoa de 44 anos de idade, filho de Fernão Martins, médico, e de Branca Mendes. Foi sentenciado no auto-de-fé de 23.02.1597 a abjuração em forma, cárcere e hábito penitencial perpétuo, instrução na fé católica e penitências espirituais [AN/TT, *Tribunal do Santo Ofício*, Inquisição de Lisboa, processo 8950]. O referido Francisco Viegas foi a 1.ª vez casado com Catarina da Costa, cristã-nova, de quem teve uma filha chamada Maria Viegas, natural de Estremoz, presa pela Inquisição de Lisboa em 1597, com apenas 16 anos de idade [AN/TT, *Tribunal do Santo Ofício*, Inquisição de Lisboa, processo 11868] e a 2.ª vez com Antónia de Oliveira, todavia, tivera o dito Francisco Viegas, cerca de 2 a 3 anos após o nascimento da sua filha Maria Viegas, nascida do seu primeiro casamento, uma filha bastarda, que levou o nome de Maria Martins Viegas, filha de uma sua criada chamada Maria Fernandes, cristã-velha, ainda antes de casar com Antónia de Oliveira. A referida filha bastarda, Maria Martins Viegas, também foi presa pela Inquisição de Lisboa em 1597 [AN/TT, *Tribunal do Santo Ofício*, Inquisição de Lisboa, processo 12266]. Francisco Viegas foi residente em Évora, na Praça Grande (actual Praça do Giraldo), *na boca* da Rua dos Mercadores. Curiosamente, Maria Martins Viegas, a filha bastarda de Francisco Viegas, declarou à Mesa da Inquisição que quem lhe ensinara as cerimónias e a induzira a crer e seguir a Lei de Moisés, para salvação de sua alma, foi sua avó materna, Maria Afonso, cristã-velha, que vivera em Estremoz.

⁵⁹ Antónia de Oliveira, cristã-nova, natural de Évora mas residente em Lisboa, foi presa pela Inquisição instalada na capital do Reino em 28.09.1596, por culpas de judaísmo, apresentando-se na mesma ocasião com 38 anos de idade e como filha de Rui Martins, mercador, e de Leonor Pires. Saiu no auto-de-fé de 03.09.1600, com confisco de bens, abjuração em forma, cárcere e hábito penitencial perpétuo e penitências espirituais. Enquanto esteve no cárcere terá escrito uns papéis, de seu próprio punho, onde relatou vários episódios da sua vida e da vida de alguns de seus antepassados. Nomeou testemunhas e sublinhou, através das palavras que lhe saíam ao correr da pena, que o que escrevia era, em parte, para fazer a sua defesa mas também para que ficassem os inquisidores certos de que ela tinha boa memória [AN/TT, *Tribunal do Santo Ofício*, Inquisição de Lisboa, processo 4589].

⁶⁰ AN/TT, *Tribunal do Santo Ofício*, Inquisição de Lisboa, processo 10312.

⁶¹ Heitor Mendes Bravo dizia-se, em 1617, ter 26 anos de idade e estar residente em Veneza. Era filho de Miguel Nunes Bravo, cristão-novo, mercador, e de Mécia Lopes. Declarou aos inquisidores que residindo com seus pais em Lagos, terra onde nasceu, quando seria moço de 4 anos, pouco mais ou menos, passara com os mesmos a Setúbal, onde residiram por 5 ou 6 anos, e dali se foram para Lisboa, tendo seu pai, em certa ocasião, ido a Alvito e por acaso lá falecera. Após a morte



cristão-novo, de Lagos, e de Gaspar Bocarro, de Abrantes, casado com Isabel Martins, judia convertida. Nas sessões de confissão Francisco de Orta descreve as cerimónias judaicas em que participou, denunciando alguns judeus que conheceu em Amesterdão e Veneza. Do casamento de Francisco de Orta [David] com sua mulher Maria Nunes [Reina Camis] houve:

Assinatura de Francisco de Orta (1642)

- 1 (V) GUIOMAR PERES DE ORTA [ESTHER]. Foi casada com seu primo MANUEL PIMENTEL, de quem se divorciou, sem filhos. Seria em 1642 de 28 anos de idade. Como judia chamava-se *Esther*.
 - 2 (V) JERÓNIMA [RACHEL]. Nascida e baptizada em Granada. Apresentava-se, em 1642, com 24 anos. Como judia chamava-se *Rachel*.
 - 3 (V) JACOB. Nascido em Itália. Seria de 25 anos em 1647 e apresentava-se ainda solteiro.
 - 4 (V) SAMUEL. Nascido em Itália. Ainda solteiro em 1647 e de 24 anos de idade.
 - 5 (V) CANÁ. Seria de 20 anos em 1647.
 - 6 (V) N..., faleceu de pouca idade.
 - 7 (V) N..., faleceu de pouca idade.
 - 8 (V) N..., faleceu de pouca idade.
-
- 9 (IV) MARIA DE ORTA. Nascida cerca de 1586. Seria de 11 anos, pouco mais ou menos, em 1597. Viveu em Lisboa, a S. Francisco, casada com seu primo FRANCISCO DE ORTA. Deixou filhos.
 - 10 (IV) LUÍS DE ORTA⁶². Nascido cerca de 1590. Era de 6 ou 7 anos em 1597.
 - 11 (IV) ISABEL DE ORTA. Nascida cerca de 1591. Era de 5 ou 6 anos em 1597.

do pai, Heitor Mendes, sua irmã mais moça chamada Margarida Nunes e sua mãe, foram para Itália e se aposentaram na cidade de Florença. De Florença, por sugestão de um Bento Medeiros, mercador, português, casado com Leonor Teixeira, passaram a Veneza, com a presunção de que vivendo ali poderiam aproveitar a vida mais à vontade, entenda-se sem serem incomodados pela Inquisição.

⁶² Documenta-se um Luís de Orta, nascido cerca de 1570, que foi casado com Catarina Henriques, dos quais houve um Filipe de Orta Henriques (ou João Fernandes), natural do Porto mas que vivia em Amesterdão em 1640 quando foi preso, aos 45 anos de idade, por culpas de judaísmo (cf. processo 11139 – Inquisição de Lisboa). O referido Filipe de Orta Henriques era casado com Violante da Paz. Em 1602 foi presa pela Inquisição de Coimbra, por culpas de judaísmo, uma Maria Gomes, natural de Viseu, filha de Jorge Gomes e de Juliana da Fonseca, casada com um Luís de Orta, boticário, que tinha parte de cristão-novo [cf. processo 578 – Inquisição de Coimbra]. O referido Luís de Orta ou Luís de Orta Vidal era natural de Lisboa e filho de António Gomes, alfaiate, e de Esperança Vidal. O mesmo Luís de Orta Vidal foi preso pela Inquisição de Coimbra em 23.02.1630 por culpas de judaísmo [cf. processo 6123 – Inquisição de Coimbra]. Do referido casal, Luís de Orta Vidal e Maria Gomes, foi filho António Vidal, advogado, natural de Viseu, preso pela Inquisição de Coimbra por culpas de judaísmo [cf. processo 1708 – Inquisição de Coimbra]. Até à data em que escrevemos estas linhas não foi possível estabelecer um eventual parentesco destes «Ortas» da região de Viseu com os «Ortas» que tratamos no presente estudo.



Casou com ANTÓNIO PEREIRA DA SILVA, em 1614 em Rouen (França)⁶³.
Tiveram:

1 (V) DIOGO PEREIRA. Em 1644 era solteiro e contava cerca de 26 anos de idade, residindo no gueto de Veneza.

De Manuel de Orta houve, ainda, os seguintes filhos bastardos:

- 12 (IV) GARCIA DE ORTA. Viveu na Índia. Era pessoa de 40 anos de idade em 1596, como tal, nascido cerca de 1556.
13 (IV) FRANCISCA. Seria menina de 5 anos em 1596.

IV – DIOGO DE ORTA. *Filho*⁶⁴ *de Manuel de Orta, n.º 2 III deste §, e de Guiomar Peres*, nasceu em Lisboa na Rua da Calçetaria, na freguesia de S. Gião (S. Julião), provavelmente em 1573, considerando que foi preso, aos 23 anos de idade, em 1596, pela Inquisição de Lisboa⁶⁵, apresentando-se solteiro e com a profissão de mercador. Não foi fácil arrancar-lhe confissões. Em 04.11.1598, depois de várias tentativas, sem o efeito almejado pelos inquisidores de que o réu confessasse mais de suas culpas, foi decidido submetê-lo a dois tratos espertos. Em 5 de Dezembro do mesmo ano de 1598, depois de uma sessão pouco proveitosa para o Santo Ofício, o réu foi conduzido ao tormento e após lida a sua sentença foi começado a atar, pelo que lá foi dizendo que queria acabar de confessar suas culpas e dizer a verdade, acabando por confirmar o que já havia dito sobre seu irmão Fernão de Orta, desistindo da revogação que entretanto resolvera apresentar, dizendo mais de outras pessoas suas conjuntas e não conjuntas. E confirmou ser verdade o que tinha dito sobre Baltazar Lopes e, por ser tarde e dada a hora, se não foi com o tormento por diante. Mas, a insatisfação por parte dos inquisidores era por demais notória. E tornando-se a ver o seu processo, se decidiu dar-lhe tormento somente até ser atado. Em 05.01.1599 teve lugar outra sessão à Mesa, após o ritual dos juramentos dos Santos Evangelhos Diogo de Orta disse que *não é agora lembrado de mais que haja de dizer*. Era tudo o que os inquisidores não queriam ouvir, pelo que, por ordem do inquisidor Lic. Manuel Álvares Tavares, foi chamado o ministro do Santo Ofício que se encarregou de levar por diante a temerosa sessão do tormento. O réu foi conduzido, então, à sala do tormento, conjuntamente com o ministro, inquisidor e secretário onde, despojado dos seus vestidos e sentado sobre o potro, foi admoestado com caridade. E por dizer que tinha dito a verdade e que não era de

⁶³ Cf. RÉVAH, I. S. *La Famille de Garcia de Orta*, Revista da Universidade de Coimbra, 1960, p. 16.

⁶⁴ A investigadora Eneida Beraldi Ribeiro refere na sua tese de doutoramento que «*Diogo D'orta, neto do famoso botânico Garcia D'Orta, casou com a filha do Viegas*», o que não é totalmente correcto uma vez que Diogo de Orta, embora tenha casado com uma filha do Viegas, não era neto de Garcia de Orta mas seu sobrinho-neto, considerando que era neto de uma irmã de Garcia de Orta [cf. RIBEIRO, Eneida B. *Bento Teixeira e a «Escola de Satanás» o Poeta que teve a «prisão por recreação, a solidão por companhia e tristeza por prazer*», Universidade de São Paulo – Departamento de História Social, Tese de Doutoramento sob orientação de Anita Waingort Novinsky, São Paulo, 2006, p. 121].

⁶⁵ AN/TT, *Tribunal do Santo Ofício*, Inquisição de Lisboa, processo 229.

mais lembrado, *lhe foram atados ambos os braços, um sobre o outro, com dois cordéis pelos cotovelos e colos dos mesmos braços, e se lhe ataram um cordel nos ditos braços para com ele se lhe irem dando voltas ao redor das canas dos mesmos braços e antes de se dar volta alguma foi amoestado que acabasse de confessar suas culpas e dissesse a verdade delas e por dizer que não era de mais lembrado, pelo dito Senhor foi protestado que se ele quebrasse algum membro a culpa seria sua dele réu e não dele dito Senhor e nem dos oficiais e ministros, e dando-se-lhe a primeira volta do dito cordel e apertando com ele ao redor das canas dos braços, disse que queria acabar de confessar suas culpas e dizer toda a verdade do que lhe lembrasse, pelo que foram mandados sair para fora os ministros e confessando ele disse, entre outras coisas, que haverá oito ou nove anos, um dia não se lembra qual, em casa de seu pai Manuel de Orta na qual então pousava e ainda pousa Lucrecia de Orta, cristã-nova, solteira, sua parenta dele confidente no quarto grau, a qual é irmã do doutor Henrique de Orta, procurador, já defunto, estando ele confitente com a dita Lucrecia de Orta, tendo ela umas contas na mão, lhe disse ele que não fosse tão Santa porque a Lei em que ela cria não era boa e que procurasse de salvar sua alma em outra Lei porquanto era naquela em que ela rezava não se havia de salvar, e então ela lhe perguntou em que Lei se havia de salvar, e ele lhe respondeu que na Lei de seus pais, e perguntando-lhe ela se conheceria ele seus pais dela, ele lhe respondeu que não os conheceria mas que eles deviam de crer na Lei dos Judeus e que nessa procurasse ela também de crer para se salvar e então ela lhe perguntou que Lei era a dos Judeus e ele lhe respondeu que era a Lei de Moisés, que Deus dera a Moisés no monte para os Judeus guardarem e que a dita Lei era guardar os sábados de trabalho sem trabalhar, não comer coisas afogadas, nem peixe sem escamas, e ela dita Lucrecia de Orta lhe não diferiu então nem respondeu ao seu propósito, mas dali por diante lhe continuou ele confidente três ou quatro dias com a dita Lucrecia de Orta dizendo-lhe sempre que a Lei dos cristãos era pinturas e não cresse nelas e que a verdadeira Lei em que se havia de salvar era a de Moisés, até que enfim, ela estando com ele, ambos sós, disse a ele que lhe dissesse quem lhe ensinara a ele a dita crença e ele lhe respondeu que seus parentes, dele e dela, o ensinaram em Veneza, então logo ali ela lhe disse que estava apartada da fé de Cristo e cria na dita Lei de Moisés e que dali por diante viveria nela e que esperava salvar-se nela. Diogo de Orta terá confidenciado, em Maio de 1596, a António de Melo, seu companheiro de cárcere, de cujo processo foram retiradas culpas para a sua acusação, que na semana de Lázaro próxima passada em que se acabou o mês de Março que ele se tinha descoberto a Fernão de Orta, seu irmão, dizendo-lhe que viera de Veneza e que não havia de dizer que se descobrira a seu irmão sobredito Fernão de Orta ainda que o queimassem por isso, e lhe referiu que se descobrira ao dito seu irmão dizendo-lhe que era judeu e que naquela Lei esperava de se salvar e que para isso lhe trouxera comparações de Abraham e outras e que por o dito Fernão de Orta não ser preso não havia de dizer isto nesta mesa porque se perderia a casa de sua mãe e seus irmãos e que disse a ele declarante que sua prisão lhe parecia leve e que o deviam soltar, e que vendo-se solto quisesse dar uns panos escritos a seu irmão Fernão de Orta e que lhe os desse na sua mão em parte escura onde sua mãe nem seus irmãos o vissem, os quais panos ele declarante apresentou logo nesta mesa embrulhados em outro pano limpo e os panos escritos são de pano da Índia dos quais são três*

cosidos e o primeiro começa «Senhor irmão meu da minha alma», o segundo começa «Cedo direi que esperáveis», o terceiro começa «Folgava se vos parecesse por vossa via», o primeiro é mais pequeno que o segundo um palmo pouco mais ou menos, e o quarto pano vinha solto e começa «Memória para o Senhor António de Mello» e tem doze regras na primeira face e na segunda dez, os quais panos ele declarante viu escrever ao dito Diogo de Orta com sua mão e os assinou no terceiro pano da volta dele as três regras e fez os ditos panos de uma toalha da Índia que o dito Diogo de Orta tinha no seu fato, e lhe viu fazer a tinta de vinagre e de fumo da candeia que tomava em uma telha e fez pena de um pau da vassoura e o dito Diogo de Orta coseu os ditos panos entre o forro dos calções dele declarante e o treslado do quarto pano das forças dele e dos mais ficou ao dito Diogo de Orta em outro pano cosido na algibeira direita de detrás entre os forros e o Senhor Inquisidor mandou que os ditos panos se recolhessem no secreto e se tresladassem em papel para se a juntarem ao processo do dito Diogo de Orta. Por via do testemunho de António de Mello soube-se ainda que o dito Diogo de Orta se queixava de um Simão Rodrigues que ele suspeitava que estava preso neste cárcere dizendo que ele o fizera prender por lhe não pagar oito ou nove mil réis que lhe emprestara, e lhe disse mais o dito Diogo de Orta que desejava fugir e que havia de tomar o alcaide pela mão e metê-lo na casa e ferrolhar-lhe a porta e ir-se pelas casas do alcaide por onde ele entrou, e dizia que se atrevia⁶⁶. Perguntado sobre parentes seus que já tivessem sido presos pelo Santo Ofício, Diogo de Orta aludiu a seu avô, Diogo Fernandes Badajoz, preso pela Inquisição de Lisboa, e Garcia de Orta, tio de seu pai, que foi preso na Inquisição de Goa. Diogo de Orta relatara ainda aos inquisidores que em Outubro de 1595, vindo ele declarante de Veneza, do tempo em que se partiu de lá, um judeu de sinal lhe deu a ele declarante uma carta, o qual judeu é de Veneza, pousa no gueto de Veneza com os outros judeus e é casado, não sabe o nome a ele nem à mulher, é muito velho e chama-se Dom João⁶⁷ e é mercador, o qual lhe disse que sua mulher era parenta de Heitor Mendes, banqueiro, morador nesta cidade à Madanela⁶⁸, e é o dito judeu de Coimbra, e que haverá sessenta anos que lá estava; a qual carta lhe deu o dito era com o subscrito para Heitor Mendes, sobredito, e lhe disse o dito judeu que lhe a mandava sua mulher, com quem ele judeu está casado, e ele declarante em Fevereiro próximo passado, quando chegou aqui, lhe a levou a casa ao dito Heitor Mendes, porque lhe disse o dito judeu que lhe a desse na sua mão, e ele confitente não achou em casa ao dito Heitor Mendes se não um seu filho, a que não sabe o nome, que será da idade de catorze ou quinze anos, e porque o dito filho de Heitor Mendes não desconfiasse por lhe ele declarante não querer dar a carta se não a seu pai na mão, lhe a deu a ele dito seu filho, e nunca mais falou com o dito Heitor Mendes na dita carta. E disse mais, que em Março em que estamos faz um ano que viu partir de Veneza um Filipe Mendes⁶⁹, natural de Coimbra, cristão, mas judeu de sinal, e se partiu de Veneza com intenção de se passar às Índias de Castela, o qual é alto do corpo, de trinta anos, pouca barba, gentil-homem, barba

⁶⁶ AN/TT, *Tribunal do Santo Ofício*, Inquisição de Lisboa, processo 229.

⁶⁷ Pelas declarações que sucederam se subentende que se tratasse de Dom Eliseu, além do mais o escrivão anotou na margem do processo, junto ao nome deste Dom João, “*Dom João chama-se Paulo Lopes...*” [Idem, fl. 41v].

⁶⁸ Madanela = Madalena.

⁶⁹ Diogo de Orta acrescentara, posteriormente, que o referido Filipe Mendes se chamara em judeu José Guedelha e de que o Dom Eliseu, de que tem dito, se chamara em nome cristão Paulo Lopes [Idem, fl. 47].



muito loura, rosto comprido e não tem mais sinais. Disse mais, que de Portugal e de Espanha vão cartas de cá, que levam os correios, para cristãos estantes em Veneza, judeus feitos de sinal, e vão os subscritos com os nomes dos ditos judeus, não de judeus se não os que tinham em tempo em que eram cá cristãos; e isto sabe porque via as ditas cartas e conhecia os judeus que vinham nomeados nos subscritos por cristãos. Casou com MARIA VIEGAS⁷⁰, filha de Francisco Viegas e de Antónia de Oliveira. Tiveram:

- 1 (V) MANUEL. Já defunto em 1642. Faleceu sendo de 10 anos.
- 2 (V) FRANCISCO DE ORTA [*JACOB CANIS*]. Era solteiro em 1642 e de 34 anos de idade. Vivia em Amesterdão.
- 3 (V) GUIOMAR PERES DE ORTA [*CANA CANIS*]. Tinha 33 anos em 1642. Casou com *MOISÉS MACHORRO*, judeu, filho de Pedro Rodrigues de Moraes⁷¹, natural de Lisboa.
- 4 (V) FERNÃO DE ORTA [*MOISÉS CANIS*]. Tinha 32 anos em 1642.
- 5 (V) CATARINA [*SULTANA*]. Teria cerca de 31 anos em 1642.
- 6 (V) *ISAAC*. Nasceu em Amesterdão ou em Constantinopla. Teria 21 ou 22 anos em 1642.
- 7 (V) *ESTHER*. Nascida em Amesterdão ou Constantinopla e em 1642 ainda não era baptizada.

§ 3.º

PIMENTEL

III – FILIPA GOMES⁷², *filha de Catarina de Orta, n.º II do § 2.º, e de Leonel Gonçalves, ou Peres*. Foi casada com SEBASTIÃO MENDES PIMENTEL⁷³, nascido antes de 1521, filho de Garcia Pimentel e de Catarina Fernandes, falecido nos cárceres de Lisboa, tendo sido sentenciado a título póstumo pela Inquisição da mesma cidade em 24.10.1572, por

⁷⁰ Maria Viegas era irmã de Manuel Viegas ou da Costa, que viveu em Veneza, circuncidado, como judeu, chamado em hebraico *Daniel* [cf. processo 10312 – Inquisição de Lisboa, fl. 25 v.

⁷¹ Do mesmo Pedro Rodrigues de Moraes foi filho Isaac Machorro, de 32 anos em 1642.

⁷² A sua filiação em Leonel Gonçalves é revelada no processo de Diogo de Orta [AN/TT, *Tribunal do Santo Ofício*, Inquisição de Lisboa, processo 229, fl. 50 v.º, imagem digital 100]. Diogo de Orta menciona um Diogo de Andrade, de Castelo de Vide, morador em Bordéus (imagem digital 101). Luís Peres da Rocha era irmão de Guiomar Peres, mãe do referido Diogo de Orta. Manuel Lopes Chaves também fez referência a Filipa Gomes como filha de Leonel Gonçalves (as suas declarações constam, além do seu processo, tresladadas em vários outros, tendo em conta a quantidade de gente que foi denunciada por Manuel Lopes Chaves).

⁷³ Cf. *Revista da Universidade de Coimbra*, Vol. 12, p. 95, 1934. Catarina de Orta, irmã de Garcia de Orta, refere-se a Violante Pimentel e Francisca Pimentel, como irmãs de Sebastião Mendes. A primeira foi casada com António Dias, relaxado pelo Santo Ofício, e a segunda foi casada com Carlos Fernandes, que saiu reconciliado com hábito penitencial perpétuo. [cf. processo 1283 e 12081 – Inquisição de Lisboa]. No processo de Fernão de Orta, seu sobrinho, confirma-se que Filipa Gomes foi casada com Sebastião Mendes [cf. processo 12087 – Inquisição de Lisboa]. Documenta-se em Castelo de Vide, na década de 60 do século XVI, uma Isabel de Orta casada com um Francisco Álvares, do qual teve filhos, entre eles uma Catarina, baptizada na freguesia de Sta. Maria da Devesa em Fevereiro de 1564 – que não foi possível entroncar nos demais «Ortas» mas que tudo indica como sendo do mesmo tronco familiar.



culpas de judaísmo⁷⁴. Declarara o dito Sebastião Pimentel ter residido na Índia durante 31 anos, de onde veio embarcado numa nau, na companhia de suas irmãs, Violante Pimentel e Francisca Pimentel, e dos respectivos maridos, António Dias de Campos, que foi relaxado, e Carlos Fernandes, que saiu reconciliado com hábito penitencial perpétuo. Declarou-se, ainda, parente no 4.º grau de um Diogo Soares. Já a residir em Lisboa servira como feitor de D. Antão de Noronha, capitão de Ormuz (presume-se que o mesmo que foi vice-rei da Índia entre 1564 e 1568). No seu processo se confirma que foi «*casado com uma sobrinha do Doutor Orta*». Filipa Gomes estivera na Índia de Portugal, tendo regressado ao reino embarcada na nau Chagas. Depois partira para Veneza, onde entretanto viera a falecer. Tiveram:

- 1 (IV) GARCIA PIMENTEL, com quem seguimos.
- 2 (IV) MANUEL PIMENTEL [*ISAAC ABENIACAR*⁷⁵]. Nascido cerca de 1562. Ao mesmo se refere seu primo co-irmão Francisco de Orta, dizendo que foi residente em Veneza, onde chegara por volta de 1613. Adquirira uma grande reputação na corte francesa pela sua destreza em jogos de cartas, amealhando por essa via uma enorme fortuna. Segundo consta, foi ao mesmo Manuel Pimentel que, certa vez, Henrique IV, rei de França, dissera: «*Eu sou o rei de França, mas tu és o rei dos jogadores*»⁷⁶. Foi considerada a pessoa mais rica da comunidade de Amesterdão no período compreendido entre a data de sua chegada, tendo partido de Veneza, e a data de sua morte. Tal como sucedera com seu irmão Garcia, Manuel Pimentel doara verbas avultadas à comunidade judaica e à sinagoga Neveh Shalom. Assumiu um papel decisivo na aquisição do cemitério novo de Ouderkerk em 1614 pagando 2.700 florins, sendo considerado o primeiro judeu sefardita a ser sepultado no referido cemitério⁷⁷. Como forma de gratidão, passara a referida comunidade, em cada sábado, a comemorar uma cerimónia na qual era recitada uma oração em sua memória. Sabe-se que deixara uma propriedade avaliada em mais de 250.000 florins⁷⁸. Em 06.07.1623 compareceram perante o notário Sibrant Cornelisz os seguintes indivíduos: *Isaac Abeniacar, aliás Sebastião Pimentel, como procurador de Jacob Abeniacar, aliás Álvaro Pimentel, seu tio, de Constantinopla; Sara Abeniacar, aliás Leonora Gutieres, viúva de Mordechai Abeniacar, aliás Garcia Pimentel; Mose Abeniacar, aliás Manuel Pimentel, filho do falecido Mordechai e de Sara; Judique Abeniacar,*

⁷⁴ AN/TT, *Tribunal do Santo Ofício*, Inquisição de Lisboa, processo 12081.

⁷⁵ Francisco de Orta refere-o, provavelmente por lapso, como Moisés Abeniacar [cf. processo 10312 – Inquisição de Lisboa, imagem digital 47], todavia o cruzamento com outras fontes esclarece que se tratava de Isaac Abeniacar [cf. Martin Cohen, op. cit., e registo notarial datado de 06.07.1623, através da qual se delegam poderes ao Dr. Josef Nahemias, advogado, e a Jacob Abeniacar para administrarem a propriedade, situada em Veneza, de Manuel Pimentel ou Isaac Abeniacar, já falecido].

⁷⁶ «*Studia Rosenthaliana*» Vol. XI, n.º 1172, p. 93.

⁷⁷ http://beck.org.il/humogen/family/humo_/F10000/I3108/, acessido em 16.01.2017.

⁷⁸ Idem, *ibidem*.



aliás Maria Pimentel e seu marido António Lopes Pereira; Ester Abeniacar e com ela seu marido Felipe Henriques, aliás Juda Senior, e seu irmão David Senior, filhos de Violante Pimentel; Matias Rodrigues Cardoso, pai e tutor de Abraão e Reyna Gabay, filhos da falecida Rachel Abeniacar, aliás Ângela Pimentel; o dito Felipe Henriques como procurador de Simão Vaz Silva e sua esposa Prudentia Pimentel, aliás Abigail Abeniacar, de acordo com uma procuração. Redigido em Glückstadt. Todos eles são herdeiros do falecido Manuel Pimentel, aliás Isaac Abeniacar, seu tio. Concedem autoridade ao advogado, Dr. Josef Nahemias e a Jacob Abeniacar, filho de Mordechay Abeniacar em Veneza, para administrar a propriedade do falecido Isaac Abeniacar, aliás Manuel Pimentel, em Veneza, e para recolher o que é devido a esta propriedade⁷⁹. Casou com ANA LINDA⁸⁰, cristã-nova, da qual se presume não ter havido descendência. Teve, de FILIPA NUNES⁸¹, da família «Nunes Pina» os seguintes filhos bastardos:

- 1 (V) SEBASTIÃO MENDES PIMENTEL [*DAVID ABENIACAR*⁸²]. Nascido em Antuérpia cerca de 1603 e falecido em Amesterdão em 23.07.1667. Casou em 1623, em Amesterdão, com VIOLANTE PIMENTEL [*JUDITH BENIACAD OU NAHAMIAS*], nascida cerca de 1606 em Lisboa e falecida em Amesterdão em 28.11.1652, filha de Manuel Mendes Cardoso, de Lisboa, e de Catarina de Lima, natural de Linares (Jaen, Andaluzia, Espanha). Foi testemunha do referido matrimónio Miguel de Castro, segundo marido de Sarah Lindes.
- 2 (V) *ESTER SARFATI*. Viveu em Haia (Holanda), casada com seu primo ABRAHAM SARFATI⁸³.
- 3 (V) RACHEL LOPES. Casou com MANUEL DE SOLIS.

- 3 (IV) ÁLVARO PIMENTEL. Nascido entre 1563 e 1571. Em 1642 já era defunto. Viveu em Veneza, como judeu, casado com VIOLANTE PIMENTEL, *sua sobrinha*⁸⁴. Passou a Constantinopla, onde permanecera como diplomata ao serviço do sultão. Deixou a sua marca na comunidade judaica da cidade de Constantinopla, onde foi rabino, conhecido como RABBI JACOB ABENIACAR⁸⁵.

⁷⁹ Cf. *Notarial Records relating to the Portuguese Jews in Amsterdam up to 1639*, In *Studia Rosenthaliana*, Vol. 24, N.º. 2 (FALL 1990), pp. 216-225, publicado por Peeters Publishers Stable, em <http://www.jstor.org/stable/41481927>, acedido em 17.01.2017, Arquivo Notarial 646 A, p. 589-59, n.º 2936.

⁸⁰ A sua identidade é revelada no processo de Diogo de Orta [Proc. 229 – Inquisição de Lisboa, fl. 56].

⁸¹ Da referida Filipa Nunes e de *um homem flamengo* houve, ainda, uma filha bastarda chamada Caná, que viveu com a sua mãe em Amesterdão.

⁸² No processo de Francisco de Orta lê-se o apelido judaico «Beniacad».

⁸³ Cf. <http://www.tzorafolk.com/genealogy/history/abenhacar.htm>, acedido em 17.01.2017.

⁸⁴ Não se esclarece se Violante era sobrinha do declarante Francisco de Orta ou se do próprio Álvaro Pimentel, com quem casou.

⁸⁵ «*Studia Rosenthaliana*», Vol. 12, p. 173, cit. por: http://beck.org.il/humogen/family/humo_/F10000/I3108/, acedido em 16.01.2017.



4 (IV) CATARINA PIMENTEL. Nascida cerca de 1557. Casou com seu tio DUARTE GONÇALVES DE ORTA, *n.º 3 III*⁸⁶.

6 (IV) VIOLANTE PIMENTEL, com quem se abre o § 4.º.

IV – GARCIA PIMENTEL [*MORDECHAI ABENIACAR*⁸⁷]. Nascido cerca de 1561 e falecido em 1607⁸⁸. Foi mercador, negociando em Lisboa, norte de África e Levante. Viveu em Veneza, tendo chegado à Holanda por volta de 1596. Ficou na história por ter sido o primeiro judeu sepultado no cemitério judaico de Groet (Holanda), a cerca de 50 km de Alkmaar, adquirido em 1602 mas só inaugurado em 1607. Garcia casou cerca de 1599 com LEONOR GUTERRES [*SARAH LIDO OU LINDES*]⁸⁹, nascida em Antuérpia, que depois de viúva casou com Miguel de Castro. Sarah faleceu em 15.06.1628 em Amesterdão. Tiveram:

1 (V) ÂNGELA PIMENTEL [*RACHEL ABENIACAR*]. Casou com MATIAS RODRIGUES CARDOSO, mercador, natural de Sevilha, filho de Matias Rodrigues e de Leonor Cardoso, ambos cristãos-novos. Depois de enviudar de Ângela, Matias casou com Isabel de Oliveira. Foi preso, a primeira vez, pela Inquisição de Madrid, por culpas de judaísmo, de onde fugira, tendo sido novamente preso no Porto, pela Inquisição de Coimbra⁹⁰, que o enviou para Castela em 23.09.1634. Tiveram:

1 (VI) ABRAHAM GABAY, s.m.n

2 (VI) REYNA GABAY, s.m.n

2 (V) FILIPA PIMENTEL [*LEDISA ABENIACAR*]. Casou com MANUEL MENDES DE CASTRO, natural de Trancoso, que vivendo no Brasil ali foi denunciado, em 1617, por praticante de judaísmo, resolvendo fugir rumando à Holanda. Sabe-se que o casal vivera em Hamburgo. Tiveram:

1 (VI) MORDECHAI DE CASTRO. Nascido cerca de 1618, casou a 1.ª vez, em 1650 em Amesterdão, com RACHEL ERGAS, natural de Hamburgo. Casou, pela 2.ª vez, em 1653 em Amesterdão, com ESTHER CARILHO, nascida em Antuérpia. Houve do 2.º casamento:

⁸⁶ AN/TT, *Tribunal do Santo Ofício*, Inquisição de Lisboa, processo 10312, fl. 30 v.º.

⁸⁷ Cf. <http://www.tzorafolk.com/genealogy/history/abenhacar.htm>, acedido em 17.01.2017. Herman Prins Salomon refere em nota de rodapé da página 20 da sua obra «*The case of Luís Vaz Pimentel Revelations of Early Jewish Life in Rotterdam from the Portuguese Inquisition Archives*», que Garcia Pimentel falecera em 1602, o que diverge da informação que nos é facultada por outras fontes e que, por nos parecer mais acertada, seguimos. Admite-se que o referido autor possa ter feito confusão com a data que corresponde à aquisição das infraestruturas do cemitério, em 1602.

⁸⁸ Idem.

⁸⁹ Idem.

⁹⁰ AN/TT, *Tribunal do Santo Ofício*, Inquisição de Coimbra, processo 2515.

1 (VII) RACHEL DE CASTRO. Nascida cerca de 1655, casou em 1676 em Amesterdão com ISAAC GAON, natural de Hamburgo.

2 (VI) SARA DE CASTRO. Casou com MOZES DORIA.

3 (V) MANUEL PIMENTEL [*MOZES ABENIACAR*].

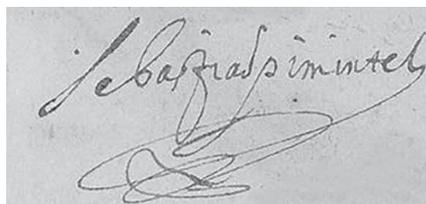
4 (V) SEBASTIÃO PIMENTEL [*ISAAC ABENIACAR*].

Casou com ISABEL CARDOSO.

5 (V) MARIA PIMENTEL [*JUDICA ABENIACAR*].

Casou com ANTÓNIO LOPES PEREIRA [*JOSEF JACOB ABENDANA*], assistindo

como testemunhas Francisco de Cáceres e Filipe Henriques. Tiveram:



Assinatura de Sebastião Pimentel
(Isaac Abeniacar)

1 (VI) MORDECHAI ABENDANA. Nascido cerca de 1622 em Amsterdão e casado em 1655 com RACHEL PAS, natural de Antuérpia. Viveu, primeiramente, em Veneza, embarcando depois para o Brasil. A sua presença documenta-se em Pernambuco no ano de 1642.

2 (VI) ESTHER ABENDANA. Casou com FRANCISCO VIERA, natural de Faro.

3 (VI) SARA ABENDANA. Casou com FRANCISCO [*ABRAHAM*] DA COSTA, natural de Rouen (França).

4 (VI) JACOB ABENDANA, s.m.n.

5 (VI) RACHEL ABENDANA. Casou com JACOB GABAY PEREIRA.

6 (VI) ABIGAIL ABENDANA. Casou com PINCHAS ABRAVANEL.

6 (V) JERÓNIMO PIMENTEL [*JACOB ABENIACAR*], s.m.n.

7 (V) PRUDÊNCIA OU DÉNIA PIMENTEL [*ABIGAIL ABENIACAR*]. Nascida cerca de 1599, casou em Amesterdão em 13.12.1617, com 18 anos de idade, com SIMÃO VAZ DA SILVA [*JACOB DA SILVA*⁹¹], de 26 anos, filho de Diogo Tobias [*Israel da Silva*] e de Sara da Silva ou Vaz. Residiram em Glückstadt (Alemanha), onde Jacob tentara, sem sucesso, implementar um negócio no ramo da indústria de sabão, óleo e açúcar. Após o negócio mal sucedido, decidira o casal regressar à Holanda, onde Jacob viria a falecer em 24.01.1646, e Abigail em 24.11.1660. Tiveram⁹²:

1 (VI) EMANUEL DA SILVA. Nascido em 1622 em Amesterdão e falecido em 11.10.1673. Casou em 19.05.1652 em Amesterdão com SARA MEZURADO, nascida 1631, filha de Jacob Mezurado e de Rachel da Silva. Tiveram:

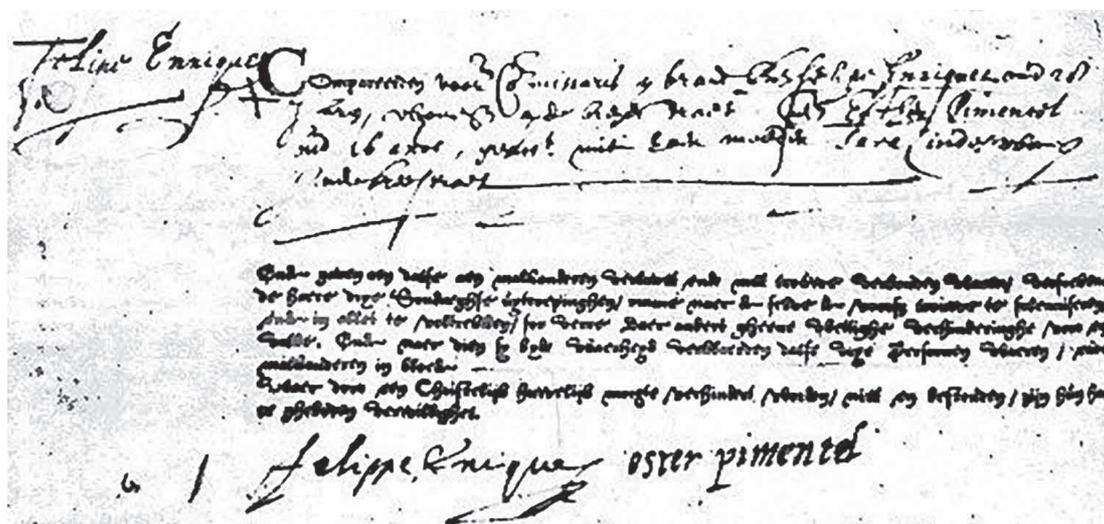
⁹¹ Idem, *ibidem*, pp. 105-110.

⁹² <http://www.dutchjewry.org/genealogy/beck/572.htm>, acedido em 17.01.2017.

1 (VII) TUBIAU (TOBIAS) DA SILVA. Nascido em 1655 em Amesterdão, e falecido na mesma localidade em 28.02.1713. Casou em 09.06.1679 com JUDICA (JUDITH) BARUCH ROSA, nascida em 1656 e falecida em 28.07.1725, sempre em Amesterdão, filha de Samuel Baruch Rosa e de Rachel Tartas. Tiveram:

- 1 (VIII) SARA DA SILVA. Casou com ABRAHAM DE VALENÇA, filho de Jacob de Valença. Residiram em Amesterdão, com descendência.
- 2 (VIII) RACHEL DA SILVA.
- 3 (VIII) SAMUEL DA SILVA ROSA. Casou com RACHEL COHEN LOBATO. Residiram em Amesterdão, com descendência.
- 4 (VIII) REINA DA SILVA ROSA.

8 (V) ESTER PIMENTEL. Nascida cerca de 1601, casara na cidade de Amesterdão em 13.12.1616, com apenas 15 anos de idade, com seu sobrinho FILIPE HENRIQUES [JUDA SENIOR]⁹³, n.º 2 V do presente §, com geração que aí segue. Esther faleceu em Amesterdão em 14.04.1653.



Registo do matrimónio de Filipe Henriques com Esther Pimentel, em Amesterdão

⁹³ <https://www.geni.com/people/Judah-Felipe-Henriques-Senior/6000000007279908864>, acedido em 16.01.2017.

§ 4.º

HENRIQUES | SENIOR | MARCHENA | SENIOR Y CALVO

IV – VIOLANTE PIMENTEL, *filha de Filipa Gomes, n.º III do § 3.º, e de Sebastião Mendes Pimentel*. Nascida cerca de 1559. Casou com MORDECHAI HENRIQUES⁹⁴, nascido cerca de 1563 em Istambul e aí falecido em 1607. Tiveram:

- 1 (V) AFONSO HENRIQUES [*DAVID SENIOR*⁹⁵]. Alguns investigadores referem que David Senior partiu em 1636 com Manuel Abendana para o Brasil, onde faleceu em 1650, aos 67 anos de idade, mas aqui colocamos alguma reservas, admitindo que possa ter havido confusão gerada em torno da homonímia de dois indivíduos, David Senior e David Senior Coronel (também chamado Duarte Saraiva), além do mais sabe-se que o primeiro residia em Jerusalém em 1639 e lá permanecia em 1641, integrando uma lista de pessoas que na referida data, residindo naquela terra mantinham uma estreita ligação com a comunidade judaica de Amesterdão, contribuindo com uma esmola anual para a comunidade *Erets Israel*, deste modo tomamos como pouco assertivo que se considere David Senior o indivíduo que se aventurou para o Brasil em 1636. Casou com N...⁹⁶, filha de Carlos Francisco, primo co-irmão ou irmão de Heitor Mendes⁹⁷, e de

Por odo Vinão de Senanã	1480
Por os de Senanã	150
Por a esmola anual de David Senior	20
Por o do de Senanã	850
Por o do de Senanã	500

Esmola anual paga por David Senior, em Amesterdão

⁹⁴ Por vezes também é referido como Mordechai Abeniacar (cf. <http://www.dutchjewry.org/genealogy/beck/323.shtml>, acedido em 04.07.2017; *Studia Rosenthaliana*, Vol.12, p.173 ou <http://www.thetreeofus.net/10/263360.htm>, acedido em 07.07.2017). Parece-nos, todavia, que haverá confusão entre Mordechai Henriques e Mordechai Abeniacar, sendo este último o nome hebraico de Garcia Pimentel, irmão de Violante Pimentel. Alguns investigadores admitem reservas quanto ao nome do cônjuge e pai dos filhos de Violante Pimentel, referindo tratar-se a sua identidade de um mistério ainda por solucionar.

⁹⁵ Outros referem-no como David Senior Coronel ou, ainda, como Duarte Saraiva [cf. <https://www.genealogieonline.nl/en/rodriguez-lopez-y-uribe-senior/1470.php>, acedido em 17.01.2017, e *Studia Rosenthaliana*, Vol.12, p.92, o que não corresponde à verdade, uma vez que se tratam de pessoas distintas, tal como se comprova pela documentação onde ambos assinam. Na referida obra, *Studia Rosenthaliana*, é referido que nascera em Amarante e foi casado a 1.ª vez em 15.08.1598 em Amesterdão com Maria Nunes de Sá e a 2.ª vez com Brites Rodrigues. Francisco de Orta, no rol de pessoas que denuncia (*vide anexo*) alude aos dois indivíduos como pessoas distintas, situando este Duarte Saraiva, pertencente à família dos «Gagões», no Brasil em 1642, vivendo entre os holandeses, e casado com Maria Nunes. Acrescenta o mesmo denunciante, Francisco de Orta, que o ofício dos «Gagões» era *ensinar uns mancebos, como declararem e pregarem a Lei de Moisés* [AN/TT, *Tribunal do Santo Ofício*, Inquisição de Lisboa, processo 10312, fl. 47].

⁹⁶ A mesma teve, pelo menos, dois irmãos, um dos quais era chamado de Mordochai Abendana, conforme declarações de Francisco de Orta [Proc. 10312 – Inquisição de Lisboa].

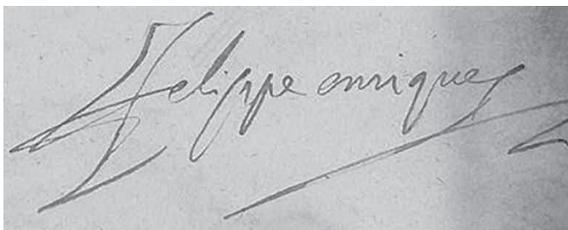
⁹⁷ O sogro de David Senior chamar-se-ia Carlos Francisco, primo co-irmão (em algumas fontes é referido como irmão, o que parece erro) de Heitor Mendes, homem que se ausentou de Lisboa para Amesterdão, de acordo com as declarações de Francisco de Orta, em 1642 [Proc. 10312 – Inquisição de Lisboa], mas no *site* de genealogia <http://www.rodriguezuribe.col/>, consultado em 15.01.2017, é mencionado como Pedro Francisco Lopes Homem e casado com Branca Nunes de Sá,

(Maria ?) Abendana. Em 1642 sua mulher residia em Jerusalém. Tiveram, segundo se diz, 3 filhos, cujos nomes não foi possível documentar⁹⁸:

- 1 (VI) N..., s.m.n.
- 2 (VI) N..., s.m.n.
- 3 (VI) N..., s.m.n.

2 (V) FILIPE HENRIQUES, com quem seguimos.

V – FILIPE HENRIQUES [*JUDA SENIOR*]. Nascido cerca de 1588 em Antuérpia. Terá residido em Veneza, presume-se que não mais que uma meia dúzia de anos, provavelmente entre 1610 e 1616, ausentando-se depois para Amesterdão⁹⁹. Em 1642 assistia na referida cidade holandesa, como judeu público, circuncidado, e seria de 47 ou 48 anos¹⁰⁰. Casou em Amesterdão em 13.12.1616 com ESTER PIMENTEL OU ABENIACAR, n.º 8 V do presente §, sua tia, nascida em 1601 e falecida em 14.04.1653 em Amesterdão¹⁰¹, filha de Garcia Pimentel ou MORDECHAI ABENIACAR, n.º 1 IV do § 2. Judá Senior faleceu na referida metrópole em 16.08.1656. Tiveram:



Assinatura de Filipe Henriques ou Juda Senior

- 1 (VI) MORDOCHAI DE JEUDAH SENIOR, com quem seguimos.
- 2 (VI) JACOB DE JEUDAH SENIOR. Nascido cerca de 1631 em Amesterdão e falecido cerca de 1705 na mesma cidade. Documenta-se como membro da comunidade judaica em Recife (Brasil) entre 1648 e 1653, dedicando-se ao comércio naquelas paragens e amealhando uma grande fortuna¹⁰². Em 1655 já havia regressado a Amesterdão, onde laborava no mesmo sector. Casou em Amesterdão em 28.02.1658 com ESTHER LOPES.
- 3 (VI) RIBCA DE JEUDAH SENIOR. Casou em 1656 com JACOB FUNDAM. Tiveram:

- 1 (VII) SARAH FUNDAM, s.m.n.
- 2 (VII) ABRAHAM FUNDAM, s.m.n.
- 3 (VII) ESTHER HANA FUNDAM, s.m.n.

o que não seguimos.

⁹⁸ Segundo Francisco de Orta [Proc. 10312], David Senior e sua mulher teriam um filho e duas filhas, que não nomeou por não se lembrar, mas outras fontes dão-nos conta de dois filhos e uma filha, nomeados (cf. <http://www.rodriqueribe.co>).

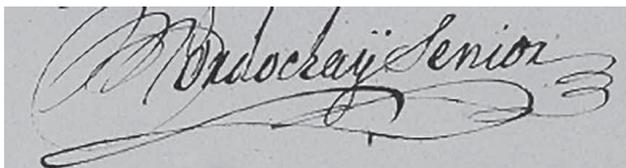
⁹⁹ <http://soc.genealogy.jewish.narkive.com/DmsigtAR/family-senior-henriquez-17th-cent-venice> e <http://www.thetreeofus.net/10/263357.htm>, acedidos em 07.07.2017.

¹⁰⁰ Idem, *ibidem*.

¹⁰¹ Idem, *ibidem*.

¹⁰² EMMANUEL, Isaac Samuel. *Precious stones of the jews of Curaçao: Curaçoon Jewry 1656-1957*. New York, Bloch Publishing Company, 1957, p. 302; e http://www.uaisites.adm.br/iclas/pagina_ver.php?CdNotici=99&Pagina=OndeEstamos, acedido em 07.07.2017.

VI – MORDOCHAI DE JEUDAH SENIOR. Nascido em 12.07.1620 em Amesterdão e falecido na mesma cidade em 17.12.1680, com testamento. Casou em Amesterdão, em 28.02.1658, pagando 9.000 florins de dote, com SARAH LOPES, natural de Hamburgo, filha de Jacob Haim Lopes Henriques e de Rachel Lopes. Mordochai esteve, acompanhado de seu irmão Jacob, em Recife (Brasil), ao serviço de John Maurice, príncipe de Nassau-Siegen e governador-geral do Brasil ao tempo da ocupação holandesa, até à data em que aquele líder fora recapturado pelos portugueses. Mordochai Senior e seu irmão Jacob Senior assinaram o livro de atas, datado de 1648-1656, da congregação *Zur Israel*¹⁰³, de Recife¹⁰⁴. Estipulou em testamento que lhe fosse dada sepultura no Cemitério de Beth Haim, no Ouderkerk, nas imediações de Amesterdão, onde para o devido efeito providenciara a compra de duas campas, uma para si e outra para a sua mulher. Tiveram:



Assinatura de Mordochai Senior (1680)

- 1 (VII) JEUDAH DE MORDECHAI SENIOR. Casou a 1.^a vez com ESTHER HANA DE JACOB FUNDAM, filha de Jacob Fundam e de Ribca de Jeudah Senior, e a 2.^a vez com SARAH DE JACOB FUNDAM, sua cunhada.
- 2 (VII) Cap. FILIPE HENRIQUES [JACOB DE MORDECHAI SENIOR]. Nascido cerca de 1663 e falecido em 15.11.1718 em Havana (Cuba) ou em Curaçao (antigas Antilhas holandesas).
- 3 (VII) ESTER DE MORDECHAI SENIOR. Casou com seu primo co-irmão JUDAH DE JACOB SENIOR, filho de Jacob de Jeudah Senior e de sua mulher Ester Lopes. Faleceu em 20.12.1728 em Amesterdão. Tiveram:

1 (VIII) JACOB SENIOR, s.m.n.

2 (VIII) JUDAH SENIOR, s.m.n.

- 4 (VII) DAVID DE MORDECHAI SENIOR, com quem seguimos.
- 5 (VII) ABRAHAM DE MORDECHAI SENIOR. Casou com BATSEBAH ABOAB CARDOSO. Tiveram:

1 (VIII) HANNA CARDOSO, s.m.n.

- 6 (VII) RACHEL DE MORDECHAI SENIOR. Casou com seu primo co-irmão ABRAHAM FUNDAM. Tiveram:

¹⁰³ A Kahal Zur Israel (Congregação Rochedo de Israel) foi a primeira sinagoga das Américas. Funcionou em Pernambuco durante o período de dominação holandesa (1630 a 1657). [cf. https://pt.wikipedia.org/wiki/Sinagoga_Kahal_Zur_Israel, acessado em 17.01.2017].

¹⁰⁴ *Studia Rosenthaliana*, Vol. 12, Julho 1978, p. 95.

1 (VIII) MORDECHAI SENIOR. Casou com ESTHER CARVALHO.

2 (VIII) ISAAC SENIOR. Casou com ABIGAIL HENRIQUES.

7 (VII) SALOMON SENIOR. Casou com ESTHER DE MARCHENA, falecida em Amesterdão e sepultada no cemitério judaico de Beth Haim (*vide* anexo). Tiveram:

1 (VIII) MORDECHAI DE MARCHENA. Falecido em 1711.

8 (VII) BENJAMIN SENIOR. Casou na Sinagoga de Amesterdão em 18.06.1699 com sua prima co-irmã RACHEL SENIOR. Tiveram:

1 (VIII) ABRAHAM SENIOR, s.m.n.

2 (VIII) MORDECHAI SENIOR, s.m.n.

3 (VIII) ISAAC SENIOR, s.m.n.

4 (VIII) JACOB SENIOR, s.m.n.

5 (VIII) JUDAH SENIOR, s.m.n.

6 (VIII) DAVID SENIOR, s.m.n.

9 (VII) MOSSEH SENIOR. Nascido cerca de 1676 e falecido em 02.07.1730 em Amesterdão. Foi sepultado no cemitério judaico de Beth Haim (*vide* anexo).

10 (VII) RIBCA SENIOR. Casou com ISAAC SEMACH ABOAB. Tiveram:

1 (VIII) MORDECHAI, s.m.n.

11 (VII) ISAAC SENIOR. Nascido cerca de 1678, faleceu em Curaçao em 25.06.1693.

VII – DAVID DE MORDECHAI SENIOR. Nascido em Amesterdão em 07.05.1664. Documentam-se¹⁰⁵ as seguintes etapas da vida deste judeu: Em 1670 doa, conjuntamente com seu pai e irmãos, 200 florins para a construção da sinagoga de Amesterdão, cuja construção presenciou em 1675. Coursou na escola de estudos religiosos de Amesterdão, Yesiba Shahare Sedek, até 1683-1684. Terá chegado a Curaçao, provavelmente em 1685, na companhia de seus irmãos, Filipe Henriques [Jacob Senior], Salomon e Isaac. Faleceu em 13.09.1749 em Curaçao. Casou em 1680 em Curaçao com SARA HANA DE ISAAC MARCHENA, filha de Isaac de Marchena e de Rebecca Carilho¹⁰⁶, neta materna de David Carilho e de Ester. Em 1690 adquire a plantação Bloempot. De 1692 a 1696 documenta-

¹⁰⁵ Cf. Estudos desenvolvidos pela Dra. Blanca de Lima, reportados em: <http://www.rodriguezuribe.co/getperson.php?personID=I364&tree=arbol1>, acedido em 17.01.2017.

¹⁰⁶ Não seria este David Carilho do tronco dos «Carrilhos» da região de Castelo de Vide?



se como estando associado a negócios com o ex-governador Jan Doncker. Dedicou-se, em Curaçao, ao comércio de escravos africanos, em parceria com seu irmão Filipe. Em 1700 adquiriu 30 escravos pelo preço de 2.483 pesos e em 1702 adquiriu mais 102 escravos, tendo pago 10.200 pesos. Em 1702 integrava a Santa Companhia, outorgando dotes a donzelas órfãs e pobres. Em 21.05.1703 assiste à inauguração da sinagoga de Willemstad. Entre 1703 e 1704 David e seu irmão Filipe perdem 4 embarcações na sequência de ataques de corsários ingleses, as quais continham mercadoria no valor de 68.715 pesos. Em 1709, conjuntamente com um grupo de comerciantes de escravos, remeteram à Real Companhia Africana um pedido de autorização para armar, a título privado, dois navios corsários para se defenderem dos ataques dos holandeses, o qual pedido de autorização foi diferido. Em 1721 era proprietário da embarcação «Fortuyn» e co-proprietário da embarcação «Helena». Em 1730 faleceu Sara Hana, sua esposa. Em 1734 documenta-se como proprietário da embarcação «*Jacobus en Anna*». Em 1744 era considerado um dos seis maiores judeus donos de escravos, contando com 10 escravos. David Senior faleceu em 1749. Tiveram:

- 1 (VIII) RACHEL DE MARCHENA.
- 2 (VIII) ABRAHAM DE MARCHENA, com quem introduzimos o § 5.º
- 3 (VIII) MORDECHAI HAIM DE MARCHENA, com quem seguimos.
- 4 (VIII) ISAAC HAIM DE MARCHENA, que segue no § 6.
- 5 (VIII) JACOB SENIOR DE MARCHENA. Nascido cerca de 1710 e falecido em Curaçao em 09.10.1768. Casou a 1.ª vez com Leah Hana, descendente de judeus sefarditas, filha de Mordechai Barzilai e de Rachel Henriques, com descendência, e a 2.ª vez com Batsebah, filha de Josseph Fidangue. Na lápide da sepultura de Leah Hana encontra-se o seguinte epitáfio:

LEA HANA de JACOB SENIOR
August 15, 1745
SEPULTURA
DA MUY HONESTA E VIRTUOZA LEA
HANA MULLER DE IACOB DE DAVID
SENIOR FALESEU EN SALIENTE SABATH
NAHAMU 17 DE MENAGUEM A.º 5505 QUE
CORRESPONDE A 15 DE AGOSTO DE A.º 1745
S.A.G.D.G.

QUEM NO MUNDO VIVEU TAO AJUSTADA
AQUI JAZ POR DESPOIO DA CRUEL MORTE
MAS SE ESTA GOZANDO JA DE MELLOR SORTE
DEVE SER NOSSA DÔR MAIS LIMITADA



VIII – MORDECHAI HAIM DE MARCHENA. Nascido em 1688 em Curaçao e falecido em 30.12.1750 na mesma localidade. Casou a 1.^a vez, cerca de 1721, com SARAH DE SELOMOH SENIOR e a 2.^a vez, depois de 1731, com LEAH MENDES. Houve descendência de ambos os casamentos. Teve do 2.^o casamento:

- 1 (IX) SARA DE MORDECHAI HAIM SENIOR Y JESSURUN, s.m.n.
- 2 (IX) ESTHER DE MORDECHAI HAIM SENIOR Y JESSURUN, s.m.n.
- 3 (IX) ISAAC HAIM DE MORDECHAI HAIM SENIOR Y JESSURUN, s.m.n.
- 4 (IX) SELOMOH DE MORDECHAI HAIM SENIOR Y JESSURUN, s.m.n.
- 5 (IX) ABRAHAM DE MORDECHAI HAIM SENIOR Y JESSURUN, que segue.

IX – ABRAHAM DE MORDECHAI HAIM SENIOR Y JESSURUN. Nascido em 25.05.1734 em Curaçao e falecido na mesma localidade em 16.01.1820. Casou com LEAH DE ABRAHAM SENIOR Y JESSURUN HENRIQUEZ, natural de Curaçao. Tiveram:

- 1 (X) ISAAC DE ABRAHAM MORDECHAI HAIM SENIOR Y SENIOR, s.m.n.
- 2 (X) LEAH DE ABRAHAM SENIOR Y SENIOR, s.m.n.
- 3 (X) RACHEL DE ABRAHAM MORDECHAI HAIM SENIOR Y SENIOR, s.m.n.
- 4 (X) MORDECHAI HAIM DE ABRAHAM MORDECHAI SENIOR Y SENIOR, s.m.n.
- 5 (X) DAVID DE ABRAHAM DE MORDECHAI HAIM SENIOR Y SENIOR, que segue.
- 6 (X) SELOMOH DE ABRAHAM DE MORDECHAI HAIM SENIOR Y SENIOR, s.m.n.
- 7 (X) JACOB DE ABRAHAM DE MORDECHAI HAIM SENIOR Y SENIOR, s.m.n.



Curaçao, destino de muitos judeus sefarditas
(<http://wietzevisscher.nl/portfolio/oude-kaarten-curacao/>)



X – DAVID DE ABRAHAM DE MORDECHAI HAIM SENIOR Y SENIOR. Nascido cerca de 1771. Casou em 29.06.1796 em Curaçao com LEAH DE DAVID DE MORDECHAI ABINUN DE LIMA Y CALVO, natural de Curaçao, filha de DAVID HAIM DE ABINUN DE LIMA Y HALLAS JR., capitão de uma embarcação, e de sua mulher Hanna de Isaac Haim Calvo y Levy Maduro. Tiveram:

1 (XI) ABRAHAM DE DAVID ABRAHAM SENIOR Y ABINUN DE LIMA JR., que segue.

XI – ABRAHAM DE DAVID ABRAHAM SENIOR Y ABINUN DE LIMA JR. Nascido em 24.11.1798 em Curaçao, casou em Coro – Falcon (Venezuela) com RACHEL DE JACOB CALVO Y BUENO VIVAS, natural de Curaçao, filha de Jacob de Mordechai Haim Calvo y Levy Maduro e de Ribca de David Bueno Vivas y Henriquez Juliao. Tiveram:

1 (XII) LEAH DE ABRAHAM DAVID SENIOR Y CALVO. Nascida em 1821 e falecida em 1884. Casou com DAVID DE JOSIAU DOVALE Y ABINUN DE LIMA JR.

2 (XII) RIBCA DE ABRAHAM DAVID SENIOR Y CALVO. Nascida em 1823 e falecida em 1915. Casou com MORDECHAI HAIM DE ABRAHAM SENIOR.

3 (XII) DAVID HAIM ABRAHAM DAVID SENIOR Y CALVO. Nascido em 1824 e falecido em 1892. Casou com MATILDE ARANA TORREGROSA, com descendência.

4 (XII) CLARA DE ABRAHAM DAVID SENIOR Y CALVO. Nascida em 1826.

5 (XII) JACOB HAIM DE ABRAHAM DAVID SENIOR Y CALVO. Nascido em 1827. Casou com ESTER DE ISAAC HENRIQUEZ JULIAO Y BUENO VIVAS, com descendência.

6 (XII) ISAAC DE ABRAHAM DAVID SENIOR Y CALVO, que segue.

7 (XII) SARA CECÍLIA DE ABRAHAM DAVID SENIOR Y CALVO. Nascida em 1837. Casou com MENASSE DE JOSEPH CAPRILES Y RICARDO.

XII – ISAAC DE ABRAHAM DAVID SENIOR Y CALVO. Nascido em 06.07.1835 em Coro - Falcon (Venezuela) e falecido em 10.03.1915 em Barranquilla – Atlântico (Colômbia). Casou com MARIA JOSEPHA PORRATI FLOHR, natural da referida localidade de Barranquilla, filha de Juan Bautista Porrati e de Micaela Flohr. Tiveram:

1 (XIII) ISAAC ABRAHAM SENIOR PORRATI. Nascido em 25.04.1874 em Barranquilla e falecido cerca de 1957. Casou com MARIA DE JESUS ORREGO CUARTAS, natural de Remedios – Antioquia (Colômbia) filha de Jose Manuel Orrego e de Ana Joaquina Cuartas Posada, com geração.

.2 (XIII) RAQUEL SENIOR PORRATI. Nascida em 1882 em Barranquilla e falecida em 1962. Foi casada com o médico ANTONIO JOSE ANGULO GUERRERO, com descendência.



3 (XIII) DAVID JUAN SENIOR PORRATI. Nascido em 1884 em Barranquilla, foi casado com Margarita Antonia Lascano Fuenmayor, com descendência.



Isaac Calvo e Maria Josepha Porrati (col. de Mercedes Senior Simmonds)
(<http://www.rodriquezuribe.co/getperson.php?personID=18&tree=arbol1>)



Família Senior Orrego (cerca de 1911 ou 1912). Sentados: Maria Orrego Cuartas e Isaac Senior Porrati. De pé, atrás, da esquerda para a direita: Ana Joaquina, Herman e Josefa. De pé, mais à frente, da esquerda para a direita: Isaac Abraham, Gabriela, Raquel e Jose Manuel (col. de Mercedes Senior Simmonds)
(<http://www.rodriquezuribe.co/getperson.php?personID=18&tree=arbol1>)



§ 5.º

MARCHENA | SENIOR

VIII – ABRAHAM DE MARCHENA, *filho de David de Mordechai Senior, n.º 4 VII do § 4.º, e de Sara Hana de Isaac Marchena*. Casou com ESTHER DA COSTA ANDRADE, filha de Jacob de Ephraim Jessurun Henriques e de Rachel Cardoso. Tiveram:

1 (IX) LEHA DE ABRAHAM SENIOR, que segue.

IX – LEHA DE ABRAHAM SENIOR. Casou com ABRAHAM DE MORDECHAI DE HAIM SENIOR, filho de Mordechai Haim de David Senior e de sua mulher Leha de Abraham Jessurun. Tiveram¹⁰⁷:

- 1 (X) ISAAC SENIOR, que segue.
- 2 (X) MORDECHAI HAIM DE ABRAHAM SENIOR, s.m.n.
- 3 (X) SALOMON SENIOR, s.m.n.
- 4 (X) DAVID ABRAHAM SENIOR, s.m.n.
- 5 (X) JACOB DE ABRAHAM SENIOR, s.m.n.

X – ISAAC SENIOR. Casou com ESTHER DE JACOB BELMONTE. Tiveram:

- 1 (XI) JACOB DE ISAAC SENIOR, que segue.
- 2 (XI) ABRAHAM DE ISAAC SENIOR, s.m.n.

XI – JACOB DE ISAAC SENIOR. Casou com SARAH HORTENSIA DE HAIM DANIEL LOPEZ PENHA Y LEVY MADURO. Tiveram:

1 (XII) ISAAC DE JACOB SENIOR, que segue.

XII – ISAAC DE JACOB SENIOR. Casou com CELINA DE ISAAC MORDECHAI DE MARCHENA, filha de Isaac Mordechai de Marchena e de Clara de Haim Daniel Lopez Penha. Tiveram:

1 (XIII) OTTO SENIOR. Nasceu em 05.01.1905 e faleceu em Agosto de 1989 em Curaçao¹⁰⁸. Casou na mesma ilha em 20.06.1931 com ROSALINDA SALAS DE LIMA. Foi o fundador da empresa de lacticínios Ritz Ice Factory, em Curaçao, corria o ano de 1938, e ainda presidente e líder espiritual da

¹⁰⁷ As linhas descendentes encontram-se parcialmente documentadas em: https://www.geni.com/people/Leah-de-Abraham-Senior/6000000025797891057?from_flash=1&fsession_id=1499948592389&through=6000000028065682025, acessado em 10.07.2017.

¹⁰⁸ <http://heerlijkcuracao.blogspot.pt/2017/06/in-de-voetsporen-van-jacob-senior.html?m=1>, sítio digital de David Serphos, acessado em 10.07.2017.



Congregação Mikve Israel-Emanuel, ainda em atividade, sendo a mais antiga das Américas, fundada em 1651 logo após a chegada dos primeiros judeus àquela ilha no Mar do Caribe, sob a orientação da comunidade judaica portuguesa estabelecida em Amsterdão¹⁰⁹. Existe, actualmente, no antigo bairro judeu Scharloo, uma rua que em sua homenagem ficou denominada de «Otto Senior Kaya»¹¹⁰. Deixou descendência.



Rosalinda Sales de Lima e Otto Senior
(<https://www.ritz-village.com/de/ritz-village/the-ritz-museum/>)



Otto Senior foi o fundador da Ritz Ice Factory, em Curaçao
(<https://www.ritz-village.com/de/ritz-village/the-ritz-museum/>)

¹⁰⁹ <http://morasha.com.br/comunidades-da-diaspora-1/os-judeus-de-curacau.html>, acedido em 13.07.2017.

¹¹⁰ EMANUEL, Isaac S. [et al.], *História de judeus das Antilhas Holandesas*, Vol. I, p. 472.



§ 6.º

MARCHENA | SENIOR | SIMMONDS

VIII – ISAAC HAIM DE MARCHENA, *filho de David de Mordechai Senior, n.º 4 VII do § 4.º, e de Sara Hana de Isaac Marchena*. Casou com RACHEL DE CARILHO, filha de Abraham Isaac de Marchena y Carilho e de Sarah Carilho. Tiveram¹¹¹:

- 1 (IX) ABRAHAM DE ISAAC HAIM SENIOR Y MARCHENA, que segue.
- 2 (IX) DAVID SENIOR. Casou com RIBCA GAON, falecida em 11.07.1752 em Curaçao, s.m.n.
- 3 (IX) MORDECHAI SENIOR. Nasceu em Curaçao e ali faleceu, ainda jovem, em 27.03.1727, presumivelmente sem descendência.

IX – ABRAHAM DE ISAAC HAIM SENIOR Y MARCHENA. Casou com Leah DE ABRAHAM PENSO Y PEREIRA. Tiveram:

- 1 (X) ABRAHAM SENIOR. Nasceu em Curaçao em 30.08.1798 e faleceu na mesma região em 01.12.1854. Casou com ABIGAIL COHEN HENRIQUEZ. Tiveram:
 - 1 (XI) DAVID SENIOR JUNIOR. Casou com REBECCA COHEN HENRIQUEZ, com descendência.
 - 2 (XI) SALOMON SENIOR. Casou com EMMA DEITELZWEIG, com descendência.
 - 3 (XI) ESTHER SENIOR, s.m.n.
 - 4 (XI) PRISCILLA SENIOR, s.m.n.
 - 5 (XI) RACHEL SENIOR. Casou com RAFAEL POLLY e residiram em Puerto Cabello (Venezuela), com descendência.
- 2 (X) LEAH DE DAVID ABRAHAM SENIOR, que segue.
- 3 (X) JACOB DAVID SENIOR JR. Casou com RACHEL PARDO. Tiveram, pelo menos, os seguintes filhos, todos nascidos em Curaçao:
 - 1 (XI) ISAAC DE JACOB SENIOR Y PARDO. Nasceu em 17.05.1827 em Curaçao e ali faleceu, com 78 anos, em 01.01.1906. Casou com Rachel Mendez da Costa, natural da mesma ilha, filha de Obadiah Mendes da Costa e de Eliza Fonseca Brandão. Não encontramos registo de descendência.
 - 2 (XI) DAVID SENIOR. Nasceu cerca de 1828 em Curaçao, s.m.n.
 - 3 (XI) ABRAHAM HAIM SENIOR. Nasceu em 18.11.1834 em Curaçao e lá faleceu em 14.10.1876, provavelmente sem geração.

¹¹¹ <https://www.geni.com/family-tree/index/6000000012438335530>, acedido em 13.07.2017.



- 4 (XI) LEAH JACOB SENIOR. Nasceu em 22.03.1837 em Curaçao e ali faleceu em 27.10.1878, casada com BENJAMIN DE SOLA JR., com descendência.
- 5 (XI) MORDECHAI SENIOR. Nasceu em 12.04.1839 em Curaçao e faleceu, com apenas 21 anos de idade, em 10.05.1860 em Coro (Venezuela).
- 6 (XI) SARAH SENIOR. Nasceu em Curaçao cerca de 1840 e faleceu em 15.12.1909, presume-se que sem descendência.
- 7 (XI) CLARA SENIOR. Nasceu em 08.08.1842 em Curaçao, s.m.n.
- 8 (XI) JACOB HAIM SENIOR. Nasceu em 07.06.1844 em Curaçao e lá faleceu antes de completar 10 anos de idade, em 26.02.1854.

4 (X) ISAAC SENIOR JR., s.m.n.

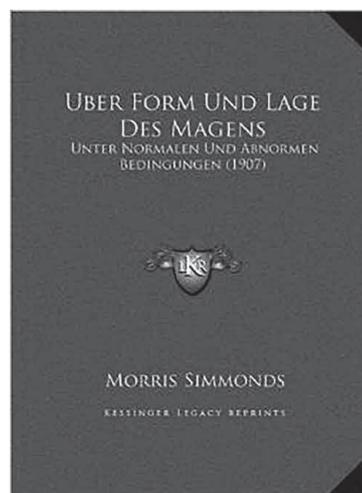
X – LEAH DE DAVID ABRAHAM SENIOR. Nasceu em 1800 e faleceu em 1880. Casou com MOSES ABRAHAM JESURUN, nascido em Outubro de 1779 e falecido em 14.07.1853. Tiveram:

1 (XI) ESTER JESURUN, que segue.

XI – ESTER JESURUN. Nasceu em 1826 em Curaçao. Casou com COLEMAN SIMMONDS, nascido na Alemanha em 1815, naturalizado dinamarquês em 19.03.1840, falecido em 1889, filho de Wolf Simmonds e de Eve Jacobs, ambos naturais de Londres. Tiveram:

- 1 (XII) BENJAMIM WOLF, s.m.n.
- 2 (XII) MORRIS MOSES SIMMONDS (PROF. DOUTOR). Nasceu em 14.01.1855 em St. Thomas e falecido, supostamente com a doença de Parkinson, em 04.09.1925 em Hamburgo. Aprofundou os seus estudos, em várias universidades alemãs, na área da medicina. Reconhecido como um ilustre patologista, deixando um total de 121 trabalhos publicados.

- 3 (XII) JULIUS SIMMONDS. Alto, de nariz proeminente, cabelo escuro, bigode, queixo um pouco quadrado, são algumas das características físicas que constam no seu passaporte. Nasceu em 11.07.1856 em St. Thomas. Emigrou para os Estados Unidos da América em 1873 e naturalizou-se americano em 1882.



Morris Simmonds,
ilustre patologista



Casou a 1ª vez em 1891 com AGNES MOELLER e a 2ª vez em Hamburgo, em 06.12.1898, com LOUISE MARIE SOPHIE BLECKMANN. Regressando à Alemanha adquiriu, por uma quantia assinalável, uma mansão, conhecida como Gut Holtigbaum¹¹², localizada na região de Schleswig-Holstein, junto à fronteira com a Dinamarca, investindo em 1892 cerca de 500.000 marcos na construção de uma nova mansão no local onde se localizava a primeira. Mais tarde, por volta de 1895, eventualmente numa fase da vida que não lhe corria tanto de feição, decidira vender a referida mansão por cerca de 200.000 marcos. Em 1897, já divorciado da primeira mulher e consorciado com Louise Marie regressa aos Estados Unidos e ali viveu, falecendo em Manhattan em 02.08.1923 e deixando descendência¹¹³.

- 4 (XII) LEONORA SIMMONDS, s.m.n.
- 5 (XII) ADELAIDE SIMMONDS, s.m.n.
- 6 (XII) EMILY SIMMONDS. Temendo ser apanhada pelo regime nazi e levada para um campo de concentração, resolvera suicidar-se e num acto de profundo desespero e o fizera em Março de 1943¹¹⁴.
- 7 (XII) DELIA EVE SIMMONDS. Nasceu em Maio de 1848 na ilha de St. Thomas (Ilhas Virgens, actualmente americanas), no Caribe, e faleceu em 1929 em Berlim. Casou com RUBEN MAX GOLDSCHMIDT. Tiveram:

- 1 (XIII) ESTELLA CLARA GOLDSCHMIDT. Nasceu em 01.04.1870 em Berlim e faleceu no campo de extermínio nazi de Chelmno (Polónia) em 20.07.1942. Foi casada com RICHARD MORITZ MEYER¹¹⁵, de quem adoptou o apelido, nascido em Berlim em 05.07.1860 e falecido em Outubro de 1914, filho de Friedrich Fritz Meyer, um banqueiro rico, judeu, e de sua mulher Betty Meyer. Ficou-lhe descendência

§ 7.º

(DESESTRONCADOS)

ORTA, da Covilhã e de Portalegre

I – N..., provavelmente de apelido Orta. Cristão-novo. Nascido cerca de 1460. Casou com N..., e dela teve:

¹¹² https://de.wikipedia.org/wiki/Gut_H%C3%B6ltigbaum

¹¹³ <https://www.british-genealogy.com/archive/index.php/t-86475.html?s=d0a9e2df34357753f7e13f315e299efb>, acessado em 13.07.2017.

¹¹⁴ Idem.

¹¹⁵ https://de.wikipedia.org/wiki/Richard_M._Meyer, acessado em 13.07.2017.





Richard Moritz Meyer
(https://de.wikipedia.org/wiki/Richard_M._Meyer)



Placa que assinala o óbito de Estella Clara na Polónia, num campo de concentração nazi
(<https://www.stolpersteine-berlin.de/de/biografie/4562>)



Edgar Senior, descendente da família Senior de Curaçao, co-fundador da empresa de licores Senior & Co, em 1896, em parceria com seu amigo Isaac Haim Mendes Chumaceiro
(<https://www.curacaoliqueur.com/brand/history>)



- 1 (II) JOÃO DE ORTA. Ao mesmo alude seu sobrinho, Francisco de Orta, filho de seu irmão Henrique de Orta.
- 2 (II) HENRIQUE DE ORTA, que segue.

II – HENRIQUE DE ORTA. Nascido cerca de 1490. Cristão-novo. Casou com ISABEL RODRIGUES, com a seguinte descendência:

- 1 (III) MARGARIDA DE ORTA. Cristã-nova. À mesma faz referência sua sobrinha Isabel de Orta, filha de Francisco de Orta. Residiu à porta da vila da Covilhã, na Rua da Peletaria, casada com FRANCISCO MORÃO, boticário. Foi presa pela Inquisição de Lisboa em 07.03.1582, por culpas de judaísmo¹¹⁶. Entre os seus denunciante encontrava-se *D. Joana de Castro, mulher do Senhor Fernão Cabral, Senhor da Casa de Belmonte*. Encontrava-se na ocasião de sua prisão na dita vila da Covilhã e, depois de capturada fora conduzida à enfermaria do Hospital de Todos os Santos para se tratar de *serpes* que tinha na perna, onde falecera em 11.04.1582, sendo já mulher velha. A Inquisição tomou-lhe a sua fazenda. Foram, posteriormente, vistas em Mesa as culpas de Margarida de Orta, defunta, e *pareceu a todos os votos que não eram bastantes para se proceder contra ela*. Deste modo foi ordenado que sua fazenda fosse entregue a seus herdeiros. Tiveram:

- 1 (IV) VIOLANTE DE ORTA. Foi casada com HENRIQUE DE ORTA, mercador que tratava em Castela e vivia em Lisboa.

- 2 (III) BEATRIZ DE ORTA. Referida por sua sobrinha Isabel de Orta. Foi casada com ANTÓNIO RODRIGUES, cirurgião, cristão-novo.
- 3 (III) VIOLANTE DE ORTA. Referida por sua sobrinha Isabel de Orta. Foi casada com MARCOS FERNANDES.
- 4 (III) FRANCISCO DE ORTA. Cristão-novo. Nascido na vila de Sarzedas e baptizado na respectiva igreja de Sta. Maria, provavelmente em 1510 ou 1511, mercador, casado com CATARINA LOPES, tia do médico Garcia Lopes. Residiram em Portalegre. Francisco foi preso pela Inquisição de Évora em 12.03.1571, por culpas de judaísmo¹¹⁷, apresentando-se com 60 anos de idade na mesma ocasião. Quando perguntado sobre a sua genealogia não fala de sua irmã Margarida de Orta, vá lá saber-se o

¹¹⁶ AN/TT, *Tribunal do Santo Ofício*, Inquisição de Lisboa, processo 11662.

¹¹⁷ AN/TT, *Tribunal do Santo Ofício*, Inquisição de Évora, processo 7901. No rol de pessoas que acusaram Francisco de Orta consta uma Inês Lopes, natural de Portalegre, filha de Luís Lopes e de Leonor Gomes, que sendo presa pela Inquisição de Évora em 1569, testemunhou contra ele em 02.06.1573 (Cf. processo 11422 - Inquisição de Évora). Documenta-se um Francisco de Orta, cristão-novo, mercador, muito crítico da Inquisição, que vivera em Amesterdão com o nome de judeu *Abraham de Orta* [cf. AN/TT, *Tribunal do Santo Ofício*, Inquisição de Lisboa, processo 7938 – João de Águila].



porquê. Foi admoestado por muitas vezes para que confessasse as suas culpas contra a fé, mas sempre negara que as tivesse e que por esse motiva as não podia confessar, sempre insistindo que era bom cristão. Apresentou contraditas, defendendo-se de todas as acusações que lhe foram dirigidas. Provara, por exemplo, que Manuel Rodrigues¹¹⁸, de Castelo de Vide, que o acusara, *lhe é suspeito por causa de um João de Orta, tio dele réu, ter havido muitas brigas e demandas com o dito Manuel Rodrigues, por o acusar que eram parentes e não tinham dispensação como serem casados, e pela mesma matéria lhe é suspeita sua mulher Mécia Gomes e seu cunhado Duarte Dias e sua mulher*. Provara também que Simão Pais e seu cunhado Diogo Rodrigues, boticário, e sua mulher e seu filho Bento Rodrigues lhe querem mal por serem primos co-irmãos e cunhados do dito Manuel Rodrigues. Em 04.08.1573 foi-lhe passado termo de ida e de segredo. Relativamente a Catarina Lopes, sua mulher, foram vistos os seus autos em Mesa do Santo Ofício em 26.08.1574. Foi mandada notificar com pena de excomunhão e de 50 cruzados para as defesas do Santo Ofício. Já defunta, em 31.05.1573, consideraram-se as culpas suficientes para se proceder contra ela. Teve libelo que o marido contestou. A publicação da sentença, bem como a genealogia não constam do processo¹¹⁹. Tiveram a seguinte e única filha:

1 (IV) ISABEL DE ORTA. Natural de Portalegre, também conhecida como a «ORTINHA», foi presa em 18.01.1571 pela Inquisição de Évora¹²⁰. Casou com ANDRÉ PINTO, cirurgião, seu primo segundo, *n.º 2 IV do presente* §. Tiveram:

1 (V) MÉCIA PINTO. Natural de Elvas, viveu em Portalegre casada com DIOGO RODRIGUES, mercador. Foi presa pela Inquisição de Évora em 17.06.1630, acusada de judaísmo, heresia e apostasia, encontrando-se na mesma ocasião já viúva¹²¹. A ré foi a tormento, em 12.11.1631, para que acabasse de confessar as suas culpas. Em 14.05.1632 foi mandada sair dos cárceres para ir cumprir a penitência em Portalegre¹²². Em 29.10.1635, por provisão do inquisidor-

¹¹⁸ Este Manuel Rodrigues é o mesmo Manuel Rodrigues, de alcunha «o Cavaleiro», casado com Mécia Gomes, filha de Bartolomeu Pais e de Lucrécia Gomes [cf. TÍTULO XXXI – PAIS]. O facto de se dizer que o dito Manuel Rodrigues era cunhado de Duarte Dias (que julgamos tratar-se de Duarte Dias Machorro) poderá, eventualmente, contribuir para se desvendar a ascendência de um deles ou de ambos.

¹¹⁹ AN/TT, *Tribunal do Santo Ofício*, Inquisição de Évora, processo 7729.

¹²⁰ AN/TT, *Tribunal do Santo Ofício*, Inquisição de Évora, processo 11235.

¹²¹ AN/TT, *Tribunal do Santo Ofício*, Inquisição de Évora, processo 5550.

¹²² No dia 25 do mesmo mês e ano instalava-se em Castelo de Vide um pesar generalizado pela «morte violenta» do padre



-geral D. Francisco de Castro, foi-lhe tirado o hábito e levantado o cárcere.

- 2 (V) LUCRÉCIA DE ORTA. Natural em Portalegre e ali residente. Casou com ANTÓNIO RODRIGUES, mercador. Em 10.06.1630, já na situação de viúva, foi presa pela Inquisição de Évora por culpas de judaísmo, heresia e apostasia. Por ter negado as suas culpas foi mandada relaxar, pelo que pediu mesa e começou a confessar em 15.03.1632. Em 24 de Maio do mesmo ano foi mandada para Portalegre para acabar de cumprir a penitência a que fora sujeita¹²³.

§ 8.º

(DESESTRONCADOS) ORTA, de Castelo Branco

I – TOMÉ DE ORTA. Cristão-novo. Nascido cerca de 1530. Viveu em Castelo Branco casado com LUCRÉCIA FERNANDES, da família dos «*Caranchos*», de que houve vários penitenciados pelo Santo Ofício, filha de Fernão Dias e de Isabel Vaz. Tiveram:

- 1 (II) FRANCISCO DE ORTA. Almocreve. Nascido em Castelo Branco cerca de 1559. Apresentava-se ainda solteiro em 1629, quando foi preso pela Inquisição de Lisboa por culpas de judaísmo¹²⁴. Quando questionado sobre a sua genealogia não soube dizer o nome de seus avós.
- 2 (II) PEDRO FERNANDES, s.m.n.
- 3 (II) FERNÃO DE ORTA, s.m.n.
- 4 (II) MARIA RODRIGUES. Nascida cerca de 1577. Viveu em Castelo Branco, casada com MARCOS LOUREIRO, que tinha parte de cristão-novo e era um pouco manco, residente em Castelo Branco à Porta do Relógio, filho de Lourenço Vaz e de Inês Rodrigues. Foi presa pela Inquisição de Lisboa em 24.03.1627, por culpas de judaísmo¹²⁵. Seu marido foi, igualmente, preso pela mesma Inquisição e pelo mesmo crime¹²⁶. Tiveram:
- 1 (III) MANUEL LOUREIRO. Em 1627 seria de 19 anos.
- 2 (III) PEDRO LOUREIRO. Mercador. Seria de 18 anos na referida data. Foi preso pela Inquisição de Lisboa em 10.03.1627, acusado de

Diogo Gonçalves Nogueira. Presume-se que o malogrado padre tenha sido assassinado.

¹²³ AN/TT, *Tribunal do Santo Ofício*, Inquisição de Évora, processo 7033.

¹²⁴ AN/TT, *Tribunal do Santo Ofício*, Inquisição de Lisboa, processo 1411.

¹²⁵ AN/TT, *Tribunal do Santo Ofício*, Inquisição de Lisboa, processo 5610.

¹²⁶ AN/TT, *Tribunal do Santo Ofício*, Inquisição de Lisboa, processo 1799.



judaísmo¹²⁷. Cerca de 3 meses depois foi solto e poupado do uso do sambenito. Voltou a ser preso em 12.02.1629 pelo crime de fautoria em judaísmo, sendo condenado a apresentar-se no auto-de-fé de 2 de Setembro do mesmo ano, com uma vela acesa na mão, confisco de bens e cárcere e hábito penitencial perpétuo, instrução na fé católica e penitências espirituais.

3 (III) LOURENÇO RODRIGUES. Nascido cerca de 1611. Foi preso pela Inquisição de Lisboa em 1630, acusado do crime de judaísmo¹²⁸.

4 (III) SIMÃO.

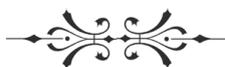
5 (III) INÊS LOUREIRO OU RODRIGUES. Nascida cerca de 1610 em Castelo Branco. Foi casada com ANTÓNIO RIBEIRO, mercador, cristão-velho. Foi presa, pela 1.^a vez, pela Inquisição de Lisboa em 12.02.1629, por culpas de judaísmo, sendo dessa vez condenada a cárcere e hábito penitencial a arbítrio, instrução na fé católica e penas e penitências espirituais. Depois de solta, vultara a ser presa, em 1634, pelo crime de replasia em judaísmo, sendo dessa vez condenada a hábito penitencial perpétuo, sem remissão, apresentando-se no auto-de-fé com carocha de falsária, sendo açoitada pelas ruas públicas de Lisboa, degredada em seis anos para Angola, penas e penitências espirituais¹²⁹. Tiveram:

1 (IV) MANUEL, era *uma criança de peito*, em 1629.

5 (II) ISABEL DE ORTA. Ainda vivia em 1629, sendo solteira.

6 (II) LEONOR. Ainda vivia em 1629, sendo solteira.

7 (II) MANUEL RODRIGUES. Ausentou-se, *não se sabe para onde*.



¹²⁷ AN/TT, *Tribunal do Santo Ofício*, Inquisição de Lisboa, processo 6409.

¹²⁸ AN/TT, *Tribunal do Santo Ofício*, Inquisição de Lisboa, processo 11809.

¹²⁹ AN/TT, *Tribunal do Santo Ofício*, Inquisição de Lisboa, processo 5434 e 5434-1.